

Cadernos **IHU** *ideias*



ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
Ano 16 • n° 274 • vol. 16 • 2018



Tarefa da esquerda permanece a mesma:
barrar o caráter predatório automático do capitalismo

Acauam Oliveira

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tarefa da esquerda permanece a mesma:
barrar o caráter predatório automático do capitalismo

*The assignment of the left remains the same:
to bar the automatic predatory character of capitalism*

Resumo

Em todo planeta, o discurso é de que a esquerda precisa se reinventar. Essa pauta, aliás, é bem antiga, e acompanha a progressiva vitória global do capitalismo, aparentemente irreversível. Esta análise vai muito além, quando discutimos temas como a profunda crise de representatividade, que se desenrola a olhos vistos e cresce à medida em que nos aproximamos das eleições de 2018; racismo, um dos elementos fundamentais de estruturação da sociedade brasileira desde a colônia; e expressões culturais como a MPB e o funk. A tragédia farsesca da esquerda brasileira está toda contida na imagem de Lula preso, e boa parte do seu futuro dependerá da maneira como ela irá lidar com o legado petista e, ao mesmo tempo, sustentar novas pautas que não têm mais lugar nesse modelo que, ao que tudo indica, se esgotou. A tarefa da esquerda, contudo, em certo sentido permanece a mesma: encontrar formas de barrar o caráter predatório automático do capitalismo que ameaça a totalidade da existência do planeta.

Palavras-chave: Esquerda; Capitalismo; Eleições.

Abstract

All over the planet, the discourse is that the left needs to reinvent itself. This agenda, by the way, is very old, and accompanies the progressive global victory of capitalism, seemingly irreversible. This analysis goes much further, when we discuss topics such as the deep crisis of representativeness, which unfolds visibly and grows as we approach the 2018 elections; racism, one of the fundamental elements of structuring Brazilian society since the colony; and cultural expressions such as MPB and funk. The Farsi Tragedy of the Brazilian Left is all contained in the image of Lula imprisoned, and much of its future will depend on how it will deal with the PT legacy and, at the same time, sustain new guidelines that no longer have place in this model, it seems, has run out. The role of the left, however, in a sense remains the same: to find ways to bar the automatic predatory character of capitalism that threatens the totality of the planet's existence.

Keywords: Left; Capitalism; Elections.

Cadernos
IHU *ideias*

**Tarefa da esquerda permanece a
mesma: barrar o caráter predatório
automático do capitalismo**

Acauam Oliveira

Professor da Universidade de Pernambuco – UPE

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 16 • nº 274 • vol. 16 • 2018

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: Pedro Gilberto Gomes, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Jacinto Schneider

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XVI – Nº 274 – V. 16 – 2018

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: MS Rafael Francisco Hiller

Imagem da capa: annual-report-203762_960_720(pixabay)

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Gustavo Guedes Weber

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .
v.
Quinzenal (durante o ano letivo).
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).
ISSN 1679-0316
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.
CDU 316
1
32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 101252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

TAREFA DA ESQUERDA PERMANECE A MESMA: BARRAR O CARÁTER PREDATÓRIO AUTOMÁTICO DO CAPITALISMO¹

Acauam Oliveira

Professor da Universidade de Pernambuco – UPE

Apresentação

“Em todo planeta, o discurso é de que a esquerda precisa se reinventar. Essa pauta, aliás, é bem antiga, e acompanha a progressiva vitória global do capitalismo, aparentemente irreversível”, avalia Acauam Oliveira. Na verdade, sua análise vai além, ao discutir temas como a profunda crise de representatividade, “que se desenrola a olhos vistos e cresce à medida em que nos aproximamos das eleições de 2018”; racismo, “um dos elementos fundamentais de estruturação da sociedade brasileira desde a colônia”; e expressões culturais como a MPB e o funk.

Seu olhar com a esquerda é analítico e duro, ressaltando o que ela tem de potência. “Se é verdade que fracassamos em alterar as condições globais de existência, é certo também que a esquerda tem sido altamente criativa na capacidade de apreender as novas dinâmicas sociais”, salienta em entrevista concedida por e-mail. “Não só o marxismo se reinventa continuamente, como boa parte da melhor tradição crítica mundial relaciona-se em alguma medida com o pensamento de esquerda.” Neste sentido, Oliveira entende que a questão que se apresenta “não é sobre a capacidade de reinvenção da esquerda, e sim em que medida essas correntes de pensamento são capazes de fazer frente ao processo de destruição global da vida”.

Em suas respostas, discute o papel do PT, sobre o qual há um consenso de que, conforme o partido “foi consolidando sua hegemonia, as vozes divergentes de esquerda foram sendo silenciadas ou, ao menos, cooptadas: criticar o governo era estar contra a esquerda e, consequentemente, distante dos interesses populares, fazendo o jogo da direita”. Para o professor, “o partido usou e abusou da lógica do nós contra eles, mobilizada cada vez mais em termos morais, à medida em que o dinheiro ia se acabando”.

¹ Entrevista recebida em 31/5/2018.

Oliveira aponta que, de um lado, a direita assumiu “certa consistência ao concentrar sua munção em torno de pautas como a corrupção, a degeneração política e a criminalização do PT”. De outro, “uma esquerda que não demonstra ter força o suficiente para formular um projeto amplo de resistência”. Neste cenário que antecede a eleição de 2018, destaca algo que considera bizarríssimo: “uma esquerda que perdeu suas bases populares e depende quase que integralmente da única liderança popular que teria chances claras de vitória e que, entretanto, segue preso”.

Conforme o professor, “a tragédia farsesca da esquerda brasileira está toda contida na imagem de Lula preso”, e boa parte do seu futuro “dependerá da maneira como ela irá lidar com o legado petista e, ao mesmo tempo, sustentar novas pautas que não têm mais lugar nesse modelo que, ao que tudo indica, se esgotou”. Ele vislumbra um papel importante: “A tarefa da esquerda, contudo, em certo sentido permanece a mesma: encontrar formas de barrar o caráter predatório automático do capitalismo que ameaça a totalidade da existência do planeta”.

A entrevista foi realizada por Vitor Necchi.

Eis a entrevista.

IHU On-Line – Vive-se uma crise de representatividade? Qual o limite dos atuais partidos?

Acauam Oliveira – Existe uma crise profunda de representatividade, que se desenrola a olhos vistos e cresce à medida que nos aproximamos das eleições de 2018. É uma crise que assume um caráter mais geral, atingindo o próprio cerne da democracia representativa, quando o capital resolve assumir para si que não precisa mais dos pudores da ética liberal, como bem demonstram intelectuais como Jacques Rancière² e

2 **Jacques Rancière** (1940): filósofo argelino, professor da European Graduate School de Saas-Fee e professor emérito da Universidade Paris VIII (Vincennes-Saint-Denis). Seu trabalho se concentra sobretudo nas áreas de estética e política. Pensa a história, a sociedade, os movimentos políticos e o cinema. Colaborador frequente da lendária revista *Cahiers du Cinéma*. Foi um dos colaboradores do pensador Louis Althusser no volume *Lire le Capital* (Ler o Capital), de 1965, antes de romper com seu antigo professor na École normale supérieure. No final dos anos 1970, Rancière organiza, com outros jovens intelectuais, como Arlette Farge e Geneviève Fraisse, o coletivo *Révoltes Logiques* que, sob a inspiração do poeta Rimbaud, questiona as representações tradicionais do social e publica a revista *Les Révoltes logiques*. Paralelamente, voltou sua atenção para a emancipação operária e os utopistas do século XIX (notadamente Étienne Cabet), com uma reflexão filosófica sobre educação e política. Desse trabalho nasceu sua tese de doutorado, publicada em 1981, sob o título *La Nuit des prolétaires. Archives du rêve ouvrier*, sobre os operários saint-simonianos. Alguns de seus livros lançados no Brasil são *Nomes da História. Ensaio de Poética do Saber* (Unesp, 2014),

Achille Mbembe³. Deus está morto, o rei está nu, e o paraíso é para já. Ou antes, o inferno. No caso brasileiro, temos um presidente não eleito, sem nenhum tipo de credibilidade, aprovação ou carisma, e cujo único talento parece ser o uso equivocadamente de mesóclises. Do alto de sua irrelevância, aproveita para cumprir uma agenda regressiva, que ataca diretamente o direito dos trabalhadores da maneira mais bárbara e arbitrária. Ou melhor, para concentrar o ódio em torno de si, uma vez que não é ele sozinho quem aprova as leis.

Basicamente, estamos sendo governados diretamente pelos grupos que sempre comandaram o jogo político (a democracia aqui sempre foi uma farsa), com a diferença de que as regras antes eram manipuladas, enquanto agora simplesmente deixaram de existir. Afinal, uma coisa é comprar o juiz, outra é combinar um jogo de futebol e perceber que se está com 11 jogadores em uma quadra de tênis. Some-se a isso o fato de que o principal candidato à eleição está preso por razões que jamais seriam suficientes para condenar um político que já não estivesse condenado de antemão, e um processo sistemático de desmoralização da política que cresce vertiginosamente, assumindo a forma de uma antipetismo exacerbado que se expande com os avanços, aos tropeços, da Lava Jato.

O Ódio à Democracia (São Paulo: Boitempo, 2014), *O Inconsciente Estético* (São Paulo: Ed. 34, 2009), *A noite dos proletários: arquivos do sonho operário* (São Paulo: Cia. das Letras, 1988), *O desentendimento – Política e Filosofia* (São Paulo: Ed. 34, 1996) e *Políticas da Escrita* (São Paulo: Ed. 34, 1995). Esteve no Brasil em 2005, quando participou do Congresso Internacional do Medo, que aconteceu em São Paulo e no Rio de Janeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Joseph-Achille Mbembe**, conhecido como Achille Mbembe (1957): é um filósofo e cientista político. Natural de Otélé, em Camarões Franceses, obteve seu Ph.D. em História na Universidade de Sorbonne, em Paris, França, em 1989. Referência acadêmica no estudo do pós-colonialismo e pensador das grandes questões da história e da política africana – apesar de, ele próprio, não se definir como “teórico do pós-colonialismo”. É professor de História e Ciência Política na Universidade Duke (Virgínia, Estados Unidos) e na Universidade Witswatersrand (Joanesburgo, África do Sul), além de pesquisador no Wits Institute for Social and Economic Research (WISER) dessa mesma universidade. É um autor conhecido, tanto pelos seus artigos nas versões em espanhol do *Le Monde Diplomatique* como pelas suas contribuições para os livros coordenados por Gilles Kepel, *As políticas de Deus (A proliferação do divino na África subsaariana)*; Jérôme Bindé, *Para onde vão os valores?: colóquios do século XXI (Do racismo como prática da imaginação)*; Fernando López Castellano, *Desenvolvimento: Crônica de um desafio permanente (Poder, violência e acumulação)* e Okwui Enwezor, *O desacolhedor. Cenas fantasma na sociedade global*. Em *Crítica da razão negra* (Lisboa: Antígona, 2014), o autor elabora sobre o conceito de “Negro”, sobre a evolução do pensamento racial europeu que o origina e sobre as máscaras usadas para cobri-lo com um manto de invisibilidade. O texto é profundamente teórico, permeado por uma filosofia política latente: além de ser um acadêmico de referência, Mbembe é também um acadêmico comprometido com o tema. No Brasil, a n-1 edições lançou duas obras de Achille Mbembe: *Crítica da razão negra* (2018) e *Necropolítica* (2018). (Nota da **IHU On-Line**)

Obviamente, a política nacional sempre foi vista com desconfiança, mas acredito que exista um dado novo nessa crença recente de que os políticos não são intocáveis, como demonstra a queda de figuras historicamente impunes como Paulo Maluf⁴. Aliada à ideia de que os políticos são uma classe congenitamente corrupta (e aqui o antipetismo também cumpre seu papel ao disseminar o sentimento de que não são só os barões ricos que odeiam o pobre e roubam, mas também os que vieram de baixo), essa crença perverte o que poderia se configurar enquanto um aumento de sentimento republicano (o poder político emana do povo) em um desejo por soluções moralizadoras verticalizadas, seja pela sanha punitivista, via Judiciário, seja através de soluções fortes e imediatas, como a eleição de um candidato simpático à ditadura, quando não a intervenção militar ela mesma. Também vale lembrar que boa parte dos principais debates políticos atuais, sobretudo após os anos 1960, migraram do campo da política institucional para o campo da micropolítica e das reflexões em torno das identidades, que é também uma maneira de pensar a política para além de limites estritos da representatividade institucional. As opiniões sobre essa crise são muitas, e eu pouco poderia contribuir para além do que já tem sido muito bem analisado por diversos intelectuais.

Gostaria então de desviar um pouco o assunto para o campo da cultura, que é mais imediatamente a minha praia. A crise da representatividade não é só um dado político. Ou melhor, por ser um dado político, ela apresenta consequências sociais das mais diversas ordens, das quais não escapa a dimensão estética. Desde os anos 1990, pelo menos, a canção brasileira vem se havendo com a crise de alguns de seus principais paradigmas até então. Tais paradigmas vinculavam-se em alguma medida a certo imaginário de formação nacional, que entra em crise com a agenda neoliberal dos anos 1990, retomando com fôlego curtíssimo ao longo dos governos petistas, para ser totalmente abandonado já no segundo mandato de Dilma⁵. Nesse contexto

4 **Paulo Maluf** (1931): empresário, engenheiro e político brasileiro de origem libanesa. Foi governador de São Paulo (1979-1982) e duas vezes prefeito de São Paulo (1969-1971; 1993-1996). Já foi candidato à presidência da República. Ligado constantemente a denúncias de corrupção, é conhecido pela frase “rouba, mas faz” e por ter originado o verbo “malufar”. Atualmente é deputado federal, com o mandato suspenso, e encontra-se em prisão domiciliar. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Dilma Rousseff** (1947): economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores – PT, eleita duas vezes presidente do Brasil. Seu primeiro mandato iniciou-se em 2011 e o segundo foi interrompido em 31 de agosto de 2016. Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo durante o processo de impeachment movido contra ela. No dia 31 de agosto, o Senado Federal, por 61 votos favoráveis ao impeachment contra 20, afastou Dilma definitivamente do cargo. O episódio foi amplamente debatido nas Notícias do Dia no sítio do IHU, como, por exemplo, a Entrevista do Dia com Rudá Ricci intitulada *Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder*, disponível em <http://bit.ly/2bLPiHK>. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. (Nota da **IHU On-Line**)

de desagregação de certa noção de identidade nacional, que fazia parte de todo um imaginário constituído em torno do samba e da MPB, por exemplo, a música popular foi construindo determinados padrões de linguagem em que a noção tradicional de representação, ligada a esse imaginário nacional, foi sendo deslocada. E o rap nacional será uma das expressões mais potentes desse movimento. Não por acaso, não existe um rapper brasileiro que seja apenas intérprete de canções de outros compositores (essa prática, até certo ponto comum nos Estados Unidos, é vista com muita desconfiança no Brasil): a ideia subjacente a essa prática é que o rapper só pode cantar aquilo que viveu, pois ninguém pode representá-lo (e aqui temos a aceção forte da noção de “lugar de fala”). Não porque não existam outros sujeitos capazes de dar sentido à experiência da periferia, mesmo que não vivam nela (por exemplo, o discurso acadêmico) – ideia que em certa medida reproduz uma espécie nova de essencialismo, comum às pautas identitárias –, e sim porque esse sujeito pretende romper com a situação típica em que os de fora\cima se apropriam da experiência dos de dentro\baixo para se dar bem às suas custas. São inúmeros os exemplos nesse sentido: Cartola⁶ vivendo na pobreza enquanto seus sambas são considerados “patrimônios nacionais”; Ismael Silva⁷, um dos criadores da forma moderna do samba (paradigma do Estácio), sendo perseguido pela polícia; os atores

6 **Cartola [Angenor de Oliveira]** (1908-1980): cantor, compositor e violonista nascido no Rio de Janeiro, autor de uma das mais importantes e célebres canções da música brasileira. Considerado por diversos músicos e críticos como o maior sambista da história da música brasileira, nasceu no bairro do Catete, mas passou a infância no bairro de Laranjeiras. Tomou gosto pela música e pelo samba ainda menino e aprendeu com o pai a tocar cavaquinho e violão. Dificuldades financeiras obrigaram a família numerosa a se mudar para o morro da Mangueira, onde então começava a despontar uma incipiente favela. Na Mangueira, conheceu e fez amizade com Carlos Cachça e outros bambas, iniciando-se mundo da boemia, da malandragem e do samba. Com 15 anos, após a morte de sua mãe, abandonou os estudos, tendo terminado apenas o primário. Arranjou emprego de servente de obra e passou a usar um chapéu-coco para se proteger do cimento que caía de cima. Por usar esse chapéu, ganhou dos colegas de trabalho o apelido Cartola. Junto com um grupo de amigos sambistas do morro, Cartola criou o Bloco dos Arengueiros, cujo núcleo em 1928 fundou a Estação Primeira de Mangueira. Ele compôs também o primeiro samba para a escola de samba, *Chega de demanda*. Os sambas de Cartola se popularizaram na década de 1930, em vozes ilustres como Araci de Almeida, Carmen Miranda, Francisco Alves, Mário Reis e Sílvio Caldas. Em 1974, aos 66 anos, Cartola gravou o primeiro de seus quatro discos-solo e sua carreira tomou impulso de novo, com clássicos instantâneos como *As rosas não falam*, *O mundo é um moinho*, *Acontece*, *O sol nascerá* (com Elton Medeiros), *Quem me vê sorrindo* (com Carlos Cachça), *Cordas de aço*, *Alvorada* e *Alegria*. No final da década de 1970, mudou-se da Mangueira para uma casa em Jacarepaguá, onde morou com sua última e mais conhecida esposa, a Dona Zica, até a morte, em 1980. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Milton de Oliveira Ismael Silva** (1905-1978): conhecido como Ismael Silva, foi um cantor e compositor nascido em Niterói (RJ). Aos 15 anos, fez o samba *Já desisti*, considerado como a sua primeira composição. Em 1925 teve o seu primeiro samba gravado: *Me faz carinhos*.

de *Cidade de Deus*⁸ e *Pixote: a lei do mais fraco*⁹ que não conseguem sair da situação de penúria mesmo após o sucesso internacional dos filmes etc. Os exemplos são vários, e o embate com a noção de representação almeja atacar esse ponto. Não cabe mais a apreciação da periferia en-

Essa composição promoveu a sua aproximação com Francisco Alves. Ao lado de Nilton Bastos e Francisco Alves, Ismael formou o trio que ficou conhecido como Bambas do Estácio e que deu origem àquele que é considerado um dos mais bonitos sambas da história: *Se você jurar*. Após a morte de Nilton, teve início sua contribuição com Noel Rosa. As 18 composições da dupla fazem de Ismael Silva o mais frequente parceiro do Poeta da Vila. Em 1928, Ismael Silva, com um grupo de sambistas do Estácio, fundou o bloco que se tornaria o precursor da primeira escola de samba de que se tem notícia: a Deixa falar, que desfilou nos anos de 1929, 1930 e 1931. Seu final ocorreu em função da mudança de Ismael para o Centro do Rio de Janeiro, após as mortes de Nilton Bastos e Edgar Marcelino. Ismael foi condenado a cinco anos de cadeia após atirar em Edu Motorneiro, um frequentador da boemia carioca. Cumpriu apenas dois, devido a bom comportamento. Depois deste episódio, se tornou recluso e só retornou à cena carioca na década de 1950. Durante esse período, atravessou enormes dificuldades financeiras. Ainda nesta mesma década, teve o seu samba *Antonico* gravado. Foi um grande sucesso. Fez alguns shows esporádicos, nos quais participaram Aracy de Almeida, Carmem Costa e MPB-4. Um de seus últimos shows foi em 1973, intitulado *Se você jurar*. Morreu em 1978 de ataque cardíaco em decorrência das complicações surgidas após uma cirurgia para tratar de uma úlcera varicosa que tinha em uma das pernas. Suas composições mais conhecidas são: *Me faz carinhos*, *Se você jurar*, *Antonico*, *Para me livrar do mal*, *Novo amor*, *Ao romper da aurora*, *Tristezas não pagam dívidas* e *Me diga o teu nome*, entre outras. Ismael Silva é personagem do livro *Desde que o samba é samba*, segundo romance de Paulo Lins, que gerou polêmica ao tratar sem pudores da homossexualidade do artista. A obra recria como o músico inventou o samba moderno e a escola de samba. (Nota da **IHU On-Line**)

- 8 **Cidade de Deus**: filme brasileiro lançado em 2002, com direção de Fernando Meirelles e co-direção de Kátia Lund e roteiro de Bráulio Mantovani, adaptado do livro homônimo de Paulo Lins lançado em 1997. Cidade de Deus é uma favela que surgiu nos anos 1960 e se tornou um dos lugares mais perigosos do Rio de Janeiro, no começo dos anos 1980. Para contar a história desse lugar, o filme narra a vida de diversos personagens, todos vistos sob o ponto de vista do narrador, Buscapé, menino pobre, negro, sensível e bastante amedrontado com a ideia de se tornar um bandido; mas também inteligente o suficiente para se resignar com trabalhos quase escravos. Buscapé cresceu num ambiente bastante violento. Apesar de sentir que todas as chances estavam contra ele, descobre que pode ver a vida com outros olhos: os de um artista. Acidentalmente, torna-se fotógrafo profissional, o que foi sua libertação. Em 2004, o filme recebeu quatro indicações ao Oscar nas categorias Melhor Fotografia, Melhor Diretor, Melhor Edição e Melhor Roteiro Adaptado. (Nota da **IHU On-Line**)
- 9 **Pixote, a lei do mais fraco**: filme brasileiro de 1980, direção de Hector Babenco e roteiro de Babenco com Jorge Durán. Diversos críticos estrangeiros elegeram *Pixote* como um dos dez melhores filmes do ano. Em novembro de 2015, o filme entrou na lista feita pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) dos cem melhores filmes brasileiros de todos os tempos. Babenco construiu um dos mais cruéis retratos da realidade nas ruas de São Paulo, onde crianças têm sua inocência retirada ao entrarem em contato com um mundo de crimes, prostituição e violência. O ator Fernando Ramos da Silva, que interpreta o personagem-título, tempo depois do êxito do filme voltou à sua vida de sempre, vivendo num ambiente de miséria. Chegou a tentar seguir a carreira de ator, ingressando na Rede Globo com a ajuda do escritor José Louzeiro, porém foi demitido por ser incapaz de decorar os textos, já que era semialfabetizado. Devido à influência dos irmãos, retornou à criminalidade, sendo assassinado por policiais em 1987. A rápida trajetória de Fernando foi contada pelo diretor José Joffily em seu filme *Quem Matou Pixote?*. (Nota da **IHU On-Line**)

quanto matéria de exotismo: se a classe média deseja ouvir a voz do gueto, tem que levar o sujeito periférico junto. De preferência, pagando caro. A propósito, o filme *O Invasor*¹⁰ retrata brilhantemente o potencial crítico dessa posição, aterradora para quem está no topo – lembrando que o topo no Brasil é bem mais abaixo do que se costuma imaginar.

Aos poucos, o *mainstream*, que de bobo não tem nada, encontra formas de neutralizar a radicalidade dessa crítica ao conceito de representação que, no caso da música popular, significa também um rompimento com o imaginário nacional, convertendo-a em elogio *soft* da representatividade multicultural, em que a cultura das minorias é incorporada à pauta hegemônica, sem que sejam necessárias alterações significativas nas bases sociais.

Outro gênero que também coloca sérios problemas para a ideia moderna de representação (juntamente com a noção complementar de autonomia) é o funk carioca, um dos modelos de canção mais bem adaptados aos novos tempos de mudança radical nos padrões de consumo, distribuição e produção musical. O funk talvez seja hoje a imagem mais bem-acabada do Brasil contemporâneo, de modo que se compreende muito do país a partir de um olhar mais atento para sua forma. Está tudo exposto ali, sem máscaras ou disfarces: racionalidade neoliberal selvagem em contexto de periferia; precarização do mundo do trabalho que resulta em uma noção perversa de empreendedorismo; dissolução dos lastros sociais; afirmação radical da potência dos corpos que se resolve por um lado em uma potência estética presente na dança (passinhos) e, por outro, em um autoritarismo presente nas letras de forte caráter injuntivo; a violência enquanto forma privilegiada de mediação social, que desvela o clima de concorrência irrestrita como um verdadeiro “Deus nos acuda”; e certa fusão entre transgressão e conservadorismo que politicamente tem potência tanto para derrubar governantes quanto para eleger um Bolsonaro¹¹.

10 **O Invasor**: filme brasileiro de 2002, direção de Beto Brant, baseado no romance homônimo de Marçal Aquino. Narra a história de três amigos, companheiros desde os tempos de faculdade de engenharia, que são sócios em uma construtora há mais de 15 anos. Tudo corre bem até o dia em que um desentendimento na condução dos negócios os coloca em conflito. Em novembro de 2015, o filme entrou na lista feita pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) dos cem melhores filmes brasileiros de todos os tempos. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Jair Bolsonaro** (1955): militar da reserva e deputado federal nascido em Campinas (SP). De orientação política de extrema direita, conservadora e nacionalista, cumpre sua sétima legislatura na Câmara Federal. Em janeiro de 2018, anunciou sua filiação ao Partido Social

Em seus momentos de maior radicalidade (como em *Bum Bum Tam Tam*, de MC Fioti¹²), a música fixa-se completamente no aqui e agora, sem representar nada que não seja a pura expressão daquele momento. A crise de representação assume a forma de uma demanda radical por literalidade, em que todas as dimensões da obra almejam ser apresentadas com clareza e rigor anti-interpretativo. Daí o padrão discursivo privilegiado não ser nem o descritivo, nem o argumentativo, e sim o injuntivo (senta, desce, soca, bota etc.): a relação estabelecida entre canção e ouvinte é colocada às claras a partir de um princípio de autoridade que abre pouco ou nenhum espaço para disputa de sentidos. O funk é o que é, e mesmo a ambiguidade sexual que se resolve em passos de dança

Liberal (PSL), o nono partido político de sua carreira. Foi o deputado mais votado do estado do Rio de Janeiro nas eleições gerais de 2014. Ficou conhecido pela luta contra os direitos LGBT, pela defesa da ditadura e da tortura. Seus embates contra os direitos humanos são constantes. Suas declarações controversas já lhe renderam cerca de 30 pedidos de cassação e três condenações judiciais, desde que foi eleito deputado em 1989. Documentos produzidos pelo Exército Brasileiro na década de 1980 mostram que os superiores de Bolsonaro o avaliaram como dono de uma “excessiva ambição em realizar-se financeira e economicamente”. Segundo o superior de Bolsonaro na época, o coronel Carlos Alfredo Pellegrino, “[Bolsonaro] tinha permanentemente a intenção de liderar os oficiais subalternos, no que foi sempre repellido, tanto em razão do tratamento agressivo dispensado a seus camaradas, como pela falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos”. É notório o seu machismo, como evidenciam as agressões e ofensas direcionadas a suas colegas parlamentares. Seu desrespeito à condição feminina não poupou nem a filha. Em abril de 2017, em um discurso no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, Bolsonaro fez uma menção à caçula, então com seis 6 anos: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. Em uma entrevista para a revista *Playboy*, em junho de 2011, sua agressividade dirigiu-se aos gays: “Seria incapaz de amar um filho homossexual”. Ainda disse preferir que um filho “morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí”. Em abril de 2017, durante um discurso no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, afirmou que acabará com todas as terras indígenas e comunidades quilombolas do Brasil caso seja eleito presidente em 2018. Também disse que terminará com o financiamento público para ONGs: “Pode ter certeza que se eu chegar lá não vai ter dinheiro pra ONG. Se depender de mim, todo cidadão vai ter uma arma de fogo dentro de casa. Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou pra quilombola”. (Nota da **IHU On-Line**)

- 12 **MC Fioti** (1994): Leandro Aparecido Ferreira, autor de *Bum bum tam tam*, uma das músicas mais tocadas em 2017 no Brasil e que gerou, em nove meses, 480 milhões de visualizações no YouTube. É o funk brasileiro mais ouvido na história do site. Já trabalhou em lanchonetes, foi ajudante de pedreiro e catou papelão e alumínio na rua. Cresceu no Capão Redondo, zona sul de São Paulo. Não conheceu o pai e ajuda a mãe, que não precisa mais trabalhar como doméstica. Seus métodos de trabalho eram precários. Começou a gravar em um aparelho de celular velho. Conseguiu um computador emprestado e aprendeu sozinho a mexer nos programas de áudio. Em fevereiro de 2017, estava no apartamento da namorada, a MC Bella, quando criou *Bum bum tam tam*. Ele pesquisou alguns sons de flauta e encontrou um trecho de *Partita em Lá menor*, de Johann Sebastian Bach. A “flautinha do Sebastian Bach”, contou o MC. Fez download da gravação da música de um dos gêneos da música erudita, montou sua batida, criou e gravou os vocais e produziu a música em seis horas. (Nota da **IHU On-Line**)

almeja ser o mais literal possível, tanto no sentido sexual quanto na coordenação dos passos. Aquilo que a canção ordena é o que ela quer dizer.

Com o funk carioca, revela-se com clareza exemplar os riscos de um sistema que abandona o ideal de representação. Como vimos, o rap rompe com esse ideal que, no caso da música popular, se confunde diretamente com certa noção de identidade nacional sem, contudo, abandonar a ideia de “formação” de sujeitos periféricos, dotados de um senso comunitário que passa por um comprometimento individual e coletivo. Já no caso do funk, que abandona tanto o imaginário nacional quanto o princípio da formação, a demanda por literalidade faz com que os sentidos sejam rigorosamente controlados por aqueles que detêm o lugar de enunciação e, portanto, o poder da fala (o potencial contestador, quando existe, consiste no fato de que essa força é enunciada pelo campo mais frágil socialmente, que lhe confere um dinamismo que não é de todo controlável, ao menos até agora). A relação que se estabelece é, sobretudo, de subordinação, que garante a literalidade pelo uso da força de um discurso injuntivo. A crise da representação desvinculada de qualquer ideal de uma comunidade por vir corre o risco de assumir formas autoritárias que regulam o vale-tudo de uma violência generalizada. Talvez seja essa a lição que o campo cultural possa oferecer para a política.

IHU On-Line – Qual a situação da esquerda brasileira hoje? Ela precisa se reinventar? Como?

Acauam Oliveira – Antes de mais nada, cabe lembrar que essa não é uma especificidade brasileira: em todo planeta, o discurso é de que a esquerda precisa se reinventar. Essa pauta, aliás, é bem antiga, e acompanha a progressiva vitória global do capitalismo, aparentemente irreversível. O que fazer quando as perspectivas de futuro foram sequestradas por aquilo que Paulo Arantes¹³ identifica como o Novo Tempo do Mundo,

13 **Paulo Arantes**: graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP, fez doutorado de Troisième Cycle na Université de Paris X, Nanterre, com a tese *Hegel: l'ordre du temps* (Paris: Harmattan, 2000), também disponível em português, *Hegel: a ordem do tempo* (São Paulo: Hucitec, 2000). Arantes é docente emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, do Departamento de Filosofia da USP. Escreveu várias obras, entre elas *Um departamento francês de ultramar* (São Paulo: Paz e Terra, 1994); *Ressentimento da dialética* (São Paulo: Paz e Terra, 1996); e *Extinção* (São Paulo: Boitempo, 2007). Professor aposentado da USP, o pensador marxista dirige a coleção Zero à Esquerda, da Editora Vozes, e a Coleção Estado de Sítio, da Boitempo. Sua obra associa o rigor da filosofia hegeliana e marxista com análises sociológicas e antropológicas da realidade cultural brasileira. Concedeu a entrevista “A violência institucional ilegal é exercida hoje como uma política sistêmica. Governos não fazem mais a diferença” à edição 248 da revista **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/kQ0npm>. (Nota da **IHU On-Line**)

centrada em um presente com horizonte de expectativas de fôlego curto? Não por acaso distopias como *Walking dead* e *Black mirror* soam mais realistas do que a própria realidade: a tarefa da esquerda, que já foi a de projetar todo o futuro da sociedade global a partir de uma cadeira dançante, reduziu-se à necessidade de se esconder envergonhada para garantir o que comer na semana seguinte. Cada vez mais a resposta à pergunta clássica de Lenin¹⁴ sobre o que fazer parece ser uma só: respirar por aparelhos. Por outro lado, se é verdade que fracassamos em alterar as condições globais de existência, é certo também que a esquerda tem sido altamente criativa na capacidade de apreender as novas dinâmicas sociais. Não só o marxismo se reinventa continuamente, como boa parte da melhor tradição crítica mundial relaciona-se em alguma medida com o pensamento de esquerda. A questão que se apresenta, portanto, não é sobre a capacidade de reinvenção da esquerda, e sim em que medida essas correntes de pensamento são capazes de fazer frente ao processo de destruição global da vida. Pois o que temos acompanhado até agora é uma progressiva incorporação de diversas dessas demandas aos mecanismos de legitimação do *status quo*.

No caso brasileiro, a particularidade obviamente é a hegemonia do lulismo¹⁵, que ao menos imaginariamente rompeu com a lógica definida por Roberto Schwarz¹⁶ como *nacionalismo por subtração*, uma identidade nacional constituída a partir da exclusão sistemática dos mais pobres do campo da cidadania (daí o cuidado que precisamos ter ao falar em crise de representação, pois é preciso reconhecer que dificilmente algo que nunca existiu possa vir a entrar em crise...). De todo modo, e seguindo a

14 **Lenin [Vladimir Ilyich Ulyanov]** (1870-1924): revolucionário russo, responsável em grande parte pela execução da Revolução Russa de 1917, líder do Partido Comunista e primeiro presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética. Influenciou teoricamente os partidos comunistas de todo o mundo. Suas contribuições resultaram na criação de uma corrente teórica denominada leninismo. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Lulismo**: termo cunhado pelo cientista político André Singer, que também foi porta-voz do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva de 2002 a 2007. Nascido durante a campanha de 2002, o lulismo representou o afastamento em relação a componentes importantes do programa de esquerda adotado pelo PT e o abandono das ideias de organização e mobilização. Busca um caminho de conciliação com amplos setores conservadores brasileiros. Sob o signo da contradição, o lulismo se constitui como um grande pacto social conservador, que combina a manutenção da política econômica do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) com fortes políticas distributivistas sob o governo Lula (2002-2010). (Nota **IHU On-Line**)

16 **Roberto Schwarz** (1938): nascido em Viena, na Áustria. Crítico de literatura e cultura, poeta e dramaturgo. Mudou-se para o Brasil com a família, de origem judaica, no início de 1939, quando a Áustria foi anexada pela Alemanha. Nos anos 1950, convive com o também emigrado Anatol Rosenfeld (1912-1973), que foi seu mentor literário e filosófico. Formou-se em

interpretação de André Singer¹⁷, o lulismo permite imaginar um outro processo de desenvolvimento, distinto daquele pregado pela cartilha neoliberal, um modo alternativo de desenvolvimento capitalista à brasileira, dessa vez incluindo os mais pobres no processo. O mito é antigo, porém sofre uma importante atualização nesse novo contexto, diretamente vinculado às demandas históricas incorporadas ao Partido dos Trabalhadores.

A questão que fica é a seguinte: o lulismo poderia ir além do que foi (inclusão dos pobres na esfera básica do consumo em benefício dos mais ricos), com as consequências que estamos vivenciando, ou seu projeto nunca foi nada muito além disso mesmo, desde o início? Parodiando Dom Casmurro, Lulinha Paz e Amor já estava presente no sindicalista que as-

Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo – USP em 1960. Em 1958-1959, participou do Seminário Marx, que se organizou para estudar *O Capital*; o grupo era formado por José Arthur Giannotti, Fernando Novais, Paul Singer, Octavio Ianni, Ruth Cardoso, Fernando Henrique Cardoso, Bento Prado Jr., Francisco Weffort, Michael Löwy e Gabriel Bolaffi. Nos Estados Unidos, fez pós-graduação na Universidade de Yale sob a orientação de René Wellek, concluindo o mestrado em 1963, ano em que retornou ao Brasil, tornando-se assistente de Antonio Candido no Departamento de Teoria Literária da USP. Exilando-se em Paris em 1969, quando a repressão política aumentou após o golpe de 1964, fez doutorado em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Paris III (Université Sorbonne Nouvelle III) sob orientação de Raymond Cantel em 1976. Sua tese, intitulada *Ao vencedor as batatas*, trata da obra de Machado de Assis. Quando retornou ao Brasil, em 1978, começou a lecionar literatura e teoria literária na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, onde aposentou-se em 1992. Nesse período, sua atuação intelectual foi marcada por algumas polêmicas importantes, como a que travou com Augusto de Campos sobre o legado da poesia concreta. Alguns de seus mais significativos ensaios são publicados em língua inglesa em forma de livro e em importantes periódicos, como a *New Left Review*. Um dos últimos ensaios do crítico se ocupa, aliás, da repercussão internacional mais recente de Machado de Assis. Schwarz é uma das vozes mais incisivas do ensaísmo brasileiro. É autor de dois livros clássicos sobre Machado de Assis: *Ao vencedor as batatas* (São Paulo: Duas Cidades, 1977) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (São Paulo: Duas Cidades, 1990). Publicou também *Pássaro na gaveta* (São Paulo: Massao Ohno, 1959), *A lata de lixo da história* (São Paulo: Paz e Terra, 1977; São Paulo: Companhia das Letras, 2014), *Os pobres na literatura brasileira* (São Paulo: Brasiliense, 1983), *A sereia e o desconfiado* (São Paulo: Paz e Terra, 1965), *Seqüências brasileiras* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999) e *Dois meninas* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997). (Nota da **IHU On-Line**)

- 17 **André Singer** (1958): cientista político, professor e jornalista nascido em São Paulo. Foi secretário de redação do jornal *Folha de S. Paulo* (1987-88), secretário de Imprensa do Palácio do Planalto (2005-2007) e porta-voz da Presidência da República no primeiro governo Lula, (2003-2007). Filho do economista Paul Singer. É professor do departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. Graduado em Ciências Sociais e em Jornalismo, mestre, doutor e livre docente em Ciência Política pela USP. (Nota da **IHU On-Line**)

sustava os futuros eleitores de Collor¹⁸ ou tudo mudou desde que ele começou a vestir Armani? De todo modo, há certo consenso em torno da ideia de que conforme o PT foi consolidando sua hegemonia, as vozes divergentes de esquerda foram sendo silenciadas ou, ao menos, cooptadas: criticar o governo era estar contra a esquerda e, conseqüentemente, distante dos interesses populares, fazendo o jogo da direita. O partido usou e abusou da lógica do nós contra eles, mobilizada cada vez mais em termos morais, à medida que o dinheiro ia se acabando.

Diga-se de passagem, a trajetória do Corinthians nessa época nos oferece um bom paralelo futebolístico para compreender o lulismo. Também a propaganda corinthiana apelou continuamente para a superioridade ética e moral de “time povo”, verdadeiro representante das classes populares. Enquanto isso, a própria estrutura do futebol brasileiro ia se esfacelando, junto com o amor dos torcedores pelo esporte, culminando no “Não vai ter Copa” e no 7 x 1 como símbolos de esgotamento de certo imaginário nacional. A retórica populista, entretanto, cumpriu seu projeto: não um esporte mais democratizado, mas a transformação do Corinthians em uma potência mundial, pelo menos em termos financeiros.

Por diversas vezes ao longo desses anos, foi possível ouvir o mantra petista “não é hora de fazer autocrítica”, sob o pretexto de que era necessário fortalecer uma articulação entre as esquerdas em nome dos interesses mais amplos de defesa contra as forças conservadoras. Ao mesmo tempo em que clamava pela união, o partido se revelava bem pouco comprometido com esse projeto, a não ser em benefício próprio. Pode até ser feita a autocrítica, desde que o PT não perca a liderança do processo: caso contrário, é tudo golpista falastrão. Parte da tão aludida “arrogância” petista consistiu na crença de que esse jogo de ganha-ganha poderia continuar indefinidamente, contando apenas com o carisma de seu líder, a cegueira de alguns militantes e a produção de alguns de seus intelectu-

18 **Fernando Collor de Mello** (1949): político, jornalista, economista, empresário e escritor brasileiro, prefeito de Maceió de 1979 a 1982, governador de Alagoas de 1987 a 1989, deputado federal de 1982 a 1986, 32º presidente do Brasil, de 1990 a 1992 e senador por Alagoas de 2007 até a atualidade. Foi o presidente mais jovem da história do Brasil e o presidente eleito por voto direto do povo, após o regime militar (1964/1985). Seu governo foi marcado pela implementação do Plano Collor e a abertura do mercado nacional às importações e pelo início de um programa nacional de desestatização. Seu Plano, que no início teve uma boa aceitação, acabou por aprofundar a recessão econômica, corroborada pela extinção, em 1990, de mais de 920 mil postos de trabalho e uma inflação na casa dos 1200% ao ano; junto a isso, denúncias de corrupção política envolvendo o tesoureiro de Collor, Paulo César Farias, feitas por Pedro Collor de Mello, irmão de Fernando Collor, culminaram com um processo de impugnação de mandato (impeachment). Atualmente, está entre os denunciados da Operação Lava Jato, que investiga esquema de corrupção envolvendo agentes políticos e empresários. (Nota da **IHU On-Line**)

ais “orgânicos”. Nada disso mostrou-se suficiente para os mais pobres, que abandonaram radicalmente o partido, pelo ódio ou indiferença. Também não convenceu os setores empresariais que viram sua torneira parar de pingar, e tampouco aqueles mais sonhadores para quem qualquer projeto social representa um entrave à regulação automática do mercado. Por outro lado, o estrago feito à militância e à intelectualidade de esquerda foram enormes, levando ao nosso próprio Eclipse da Razão, versão tupiniquim, o que não é lá essas coisas. Conforme avançávamos no tempo, o descompasso entre os interesses governistas e a esquerda se tornaria mais gritante, culminando na criminalização de Junho de 2013 e na lei antiterrorismo de Dilma.

Em parte, esse conflito segue no centro dos nossos principais embates políticos. De um lado, temos uma direita que assumiu certa consistência ao concentrar sua munição em torno de pautas como a corrupção, a degeneração política e a criminalização do PT (aliás, se existe algum ator político que possa ser considerado vitorioso nesses últimos anos, é o antipetismo). De outro, uma esquerda que não demonstra ter força o suficiente para formular um projeto amplo de resistência. O bizarríssimo cenário eleitoral de 2018 é bastante revelador do impasse: uma esquerda que perdeu suas bases populares e depende quase que integralmente da única liderança popular que teria chances claras de vitória e que, entretanto, segue preso. A metáfora não poderia ser mais adequada: uma esquerda literalmente “presa” a um passado que não a permite avançar, porque fora desse passado não existe nenhum projeto alternativo. A tragédia farsesca da esquerda brasileira está toda contida na imagem de Lula¹⁹ preso.

A esquerda “autorizou” o – ou foi coagida pelo – lulismo a centralizar o processo de mediação com as bases populares, em um movimento até certo ponto natural dentro da lógica representativa. No processo, contudo, não se deu conta de que essas bases estavam se esfacelando. O resultado dessa movimentação foi a formação de um vínculo popular bastante real com Lula (e por mais que se tente com todas as forças, ninguém parece ser capaz de destruir esse vínculo, construído por meio de uma melhora real das condições de vida dos mais pobres) e uma progressiva ruptura desses com a esquerda, ruptura essa negligenciada pela retórica petista que, ao ser aceita sem maiores críticas (“não é hora de autocrítica”), pegou a todos desprevenidos. Afinal, como o PT perdeu

19 **Luiz Inácio Lula da Silva** (1945): Trigesimo quinto presidente do Brasil, cargo que exerceu de 2003 a 1º de janeiro de 2011. É cofundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores – PT. Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi

apoio popular tão “rapidamente” se “nunca antes na história desse país” os pobres estiveram tão bem e, obviamente, tão agradecidos? Algo na equação não fecha.

Cabe lembrar que parte da retórica do golpe também tenta camuflar essa derrota prévia. Eu não faço parte daqueles críticos que consideram que o termo golpe não deveria ser utilizado em hipótese alguma, porque a meu ver o adjetivo golpista é uma boa designação para o que o atual governo representa, em relação aos interesses populares, além de chamar a atenção para a força do antipetismo, que é um dado real. “Golpe” também serve para destacar a anomia da situação política, absolutamente incerta e distópica, ainda que, a meu ver, esta seja melhor qualificada enquanto “sequestro”. Vivemos atualmente em um país que teve a política descaradamente sequestrada. Dito isso, é preciso reconhecer a função ideológica que a narrativa do golpe cumpre na perspectiva petista, o que leva a alguns posicionamentos contrários a seu uso.

O movimento ideológico básico aqui é a conexão óbvia com o golpe de 1964. O governo João Goulart²⁰ apontava para a realização de reformas populares de base, inclusive em diálogo com o Partido Comunista, e foi barrado pelos militares com o objetivo explícito de impedir o surgimento de uma nova ordem, assegurando o desenvolvimento capitalista periférico. Da mesma forma, o golpe jurídico-midiático teria tomado forma para barrar os avanços democráticos do PT, cujo apoio popular foi refletido nas urnas em 2014. Basicamente, um golpe das elites contra os interesses populares, igualzinho à ditadura...

candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). Lula bateu um recorde histórico de popularidade durante seu mandato, conforme medido pelo Datafolha. Programas sociais como o Bolsa Família e Fome Zero são marcas de seu governo, programa este que teve seu reconhecimento por parte da Organização das Nações Unidas como um país que saiu do mapa da fome. Lula teve um papel de destaque na evolução recente das relações internacionais, incluindo o programa nuclear do Irã e do aquecimento global. É investigado na operação Lava Jato e foi denunciado em setembro de 2016 pelo Ministério Público Federal (MPF), apontado como recebedor de vantagens pagas pela empreiteira OAS em um triplex do Guarujá. No dia 12 de julho de 2017, Lula foi condenado pelo juiz federal Sérgio Moro, em primeira instância, a nove anos e seis meses de prisão em regime fechado por crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. No dia 24 de janeiro de 2018, por unanimidade, os três desembargadores da 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região confirmaram a condenação de Lula, elevando a pena para 12 anos e um mês de prisão. No dia 7 de abril de 2018 Lula, após mandado de prisão expedido pelo judiciário, entregou-se à Polícia Federal onde se mantém sob custódia na Superintendência do órgão em Curitiba. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **João Goulart** [João Belchior Marques Goulart] (1919-1976): também conhecido como Jango, foi presidente do Brasil de 1961 a 1964, tendo sido também vice-presidente, de 1956 a 1961 – em 1955, foi eleito com mais votos que o próprio presidente, Juscelino Kubitschek.

Ora, é justamente essa analogia que pouco convence, por tudo aquilo que ela deixa nas sombras. A vitória de Dilma foi por muito pouco, quase nada, e o apoio popular iria praticamente minguar após as eleições, quando a presidenta começou a fazer exatamente o contrário do que havia prometido durante a campanha. Dilma se viu cada vez mais isolada, abandonada inclusive pelo próprio partido. Não por acaso os gritos de “Volta, querida” foram rapidamente substituídos pelos de “Lula lá”, mesmo entre a militância que mais aderiu à tese do golpe. Isso para não falar que o “golpe” funciona também dentro da chave binária, cara ao governismo: quem não adere sem restrições à tese de que houve um ataque articulado pelas elites contra o povo, representado pelo PT, é golpista. É claro que o povo se ferrou nessa, mas, pensando desde essa perspectiva binária, o PT é tão golpista quanto todos os outros grandes partidos, com sua lógica desenvolvimentista predatória e o aparelhamento completo do Estado. Mas a narrativa do golpe transforma o PT em vítima e Dilma, em heroína: de uma governante equivocada e mesmo regressiva em vários aspectos, ela passa a ser vista como a guerreira Coração Valente, perseguida pela direita raivosa, como na época da ditadura. É precisamente essa a lógica a se romper.

É perfeitamente possível reconhecer a ilegalidade do golpe e os interesses predatórios da direita, bem como a seletividade da Lava Jato em seus efeitos com relação ao PT, sem aderir ao discurso que aponta como única solução o retorno ao projeto petista, no mais, praticamente impossível no atual contexto. Ou seja, é possível declarar que foi golpe e, ao mesmo tempo, negar a chantagem do mal menor.

Boa parte do futuro da esquerda brasileira dependerá da maneira como ela irá lidar com o legado petista e, ao mesmo tempo, sustentar novas pautas que não têm mais lugar nesse modelo que, ao que tudo indica, se esgotou, tanto por escolhas equivocadas quanto pelo esfacela-

Seu governo é usualmente dividido em duas fases: fase parlamentarista (da posse, em janeiro de 1961, a janeiro de 1963) e fase presidencialista (de janeiro de 1963 ao golpe militar de 1964). Jango fora ainda ministro do Trabalho entre 1953 e 1954, durante o governo de Getúlio Vargas. Foi deposto pelo golpe militar do dia 1º de abril de 1964 e morreu no exílio. Confira a entrevista *“Jango era um conservador reformista”*, com Flavio Tavares, de 19-12-2006, em <http://bit.ly/ihu191206>; *João Goulart e um projeto de nação interrompido*, com Oswaldo Munteal, de 27-8-2007, em <http://bit.ly/ihu270807>. Confira também as entrevistas com Lucília de Almeida Neves Delgado intitulada *O Jango da memória e o Jango da História*, publicada na edição 371 da **IHU On-Line**, de 29-8-2011, em <https://bit.ly/2sriih1> e *Dúvidas sobre a morte de Jango só aumentam*, de 5-8-2013, em <http://bit.ly/ihu050813>. Veja ainda *João Goulart foi, antes de tudo, um herói*, com Juremir Machado, de 26-8-2013, em <http://bit.ly/ihu260813>, e *Comício da Central do Brasil: a proposta era modificar as estruturas sociais e econômicas do país*, com João Vicente Goulart, de 13-3-2014, em <http://bit.ly/ihu130314>. (Nota da **IHU On-Line**)

mento mundial de alguns pressupostos sob os quais a esquerda historicamente se assentou. Lula foi, talvez, a última grande liderança operária do século 20, uma das maiores do planeta. As mudanças radicais na forma-trabalho impedem a repetição de um fenômeno na mesma proporção. A tarefa da esquerda, contudo, em certo sentido permanece a mesma: encontrar formas de barrar o caráter predatório automático do capitalismo que ameaça a totalidade da existência do planeta. Para isso, é imperativo liberar a imaginação, da mesma forma que a direita tem feito sistematicamente – nos filmes da Marvel, por exemplo, quase todos os problemas (tanto para os mocinhos como para os vilões) envolvem formas de salvar o modelo capitalista. Onde é possível para a esquerda, em tempos tão sombrios, liberar sua imaginação e permitir-se sonhar?

IHU On-Line – A esquerda consegue fazer sua autocrítica?

Acauam Oliveira – Depende de qual esquerda estamos falando. Se a referência for a esquerda petista, pelo visto, é Lula ou nada, jogando o projeto de articular uma resistência à esquerda na lata do lixo, em nome de uma sobrevida que cedo ou tarde tende a se mostrar inútil. Trata-se de um exemplo oposto do que, a meu ver, deveria ser uma verdadeira autocrítica: aposta-se deliberadamente na opção que não tem como vencer (mesmo que consiga vencer as eleições, o lulismo se tornou inviável: foi por isso, e não por pirraça, que a companheira Dilma o abandonou). O que está em jogo, como bem salientaram Moysés Pinto Neto²¹ e Diego Viana²², é um “desejo de derrota”, que ao menos garante o controle final da própria narrativa.

Lula não quer mais vencer, e sim determinar a forma com que vai entrar para a história (“mesmo condenado pela justiça golpista podre do país, o povo me elegeu”). De uma perspectiva pessoal, é brilhante, e demonstra mais uma vez a capacidade política absolutamente impressionante desse senhor. E na medida em que seus números nas eleições permanecem impressionantes, torna-se evidente para todos o caráter

21 **Moysés Pinto Neto:** é graduado em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestre em Ciências Criminais e doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Leciona no curso de Direito da Universidade Luterana do Brasil - Ulbra Canoas. Publicou o artigo *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* na edição 259 do Cadernos IHU Ideias, disponível em <https://bit.ly/2sk4ZPK>. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Diego Viana:** graduado em Economia e mestre em Filosofia. Atualmente cursa doutorado no programa Diversitas da FFLCH-USP e no Laboratoire du Changement Social et Politique (LCSP) da Universidade Paris Diderot (Paris VII). Também é membro do Grupo de Estudos Economia. (Nota da **IHU On-Line**)

político de sua prisão. Da perspectiva de uma frente de esquerda contra o golpe, entretanto, é um verdadeiro atraso de vida. Seria muito mais eficiente o apoio de Lula a uma chapa composta por **Ciro Gomes**²³ (bem próximo do pensamento de Dilma) e **Haddad**²⁴ (nova esquerda), por exemplo. Mas a companheira **Gleisi Hoffmann**²⁵ já anunciou que **Ciro** não passa no PT “nem com reza braba”. Curioso santo esse que, como bem lembra **Gustavo Gindre**²⁶, barra **Ciro Gomes**, enquanto libera a entrada

-
- 23 **Ciro Gomes** (1957): político, advogado e professor universitário nascido em Pindamonhangaba (SP). Filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), do qual é vice-presidente. Ocupou altos cargos políticos no país. Foi deputado estadual por duas legislaturas no Ceará, prefeito de Fortaleza, governador do Ceará e ministro da Fazenda do Governo Itamar Franco, durante a implantação do Plano Real, e ministro da Integração Nacional durante o projeto de transposição do rio São Francisco no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Seu último mandato político foi o de deputado federal entre 2007 e 2010. Radicado em Sobral, Ceará desde 1962, é formado em direito pela Universidade Federal do Ceará. No setor privado, também ocupou os cargos de presidente da Transnordestina S/A e foi um dos diretores da Companhia Siderúrgica Nacional. É pré-candidato à presidência da República para 2018. (Nota da **IHU On-Line**)
- 24 **Fernando Haddad** (1963): advogado, acadêmico e político nascido em São Paulo (SP). Filiado ao PT. Ministro da Educação entre julho de 2005 e janeiro de 2012, nos governos Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, e prefeito de São Paulo entre 2013 e 2016. É professor de Ciência Política da Universidade de São Paulo, instituição onde graduou-se em direito, fez mestrado em Economia e doutorou-se em Filosofia. Trabalhou como analista de investimento no Unibanco e, de 2001 até 2003, foi subsecretário de Finanças e Desenvolvimento Econômico da prefeitura de São Paulo, na administração de Marta Suplicy. Integrou o Ministério do Planejamento do Governo Lula durante a gestão de Guido Mantega (2003-2004), oportunidade na qual elaborou o projeto de lei que instituiu as Parcerias Público-Privadas (PPPs) no Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)
- 25 **Gleisi Hoffmann** (1965): advogada e política nascida em Curitiba (PR). Atualmente, exerce o mandato de senadora pelo estado do Paraná e de presidente nacional do Partido dos Trabalhadores. Também foi líder do partido no Senado, mas deixou o cargo após assumir a presidência do PT. Gleisi foi ministra-chefe da Casa Civil no primeiro governo de Dilma Rousseff, entre 2011 e 2014. Em 2016, presidiu a Comissão de Assuntos Econômicos do Senado e, em outubro do mesmo ano, foi eleita vice-presidente da comissão de assuntos econômicos do Parlamento do Mercosul. É casada com o também político Paulo Bernardo. (Nota da **IHU On-Line**)
- 26 **Gustavo Gindre**: jornalista, especialista em Teoria e Práxis do Meio Ambiente, mestre em Comunicação e Cultura. Acompanha e participa de movimentos pela democratização da comunicação. É fundador do Instituto de Estudos e Projetos em Educação e Cultura (Indecs), foi secretário-executivo do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), integrou o Conselho Consultivo do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD) e o Coletivo Intervozes, todos com atuação voltada para a área. Conselheiro eleito pelo terceiro setor para dois mandatos no Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br): 2004-2007 e 2007-2010. Foi Special Adviser do Multistakeholder Advisory Group (MAG) do Internet Governance Forum (IGF) da Organização das Nações Unidas (ONU). Fellow da The Ashoka Society. Foi coordenador de jornalismo do curso de Comunicação da Universidade Gama Filho (UGF) e diretor do curso de Comunicação Social da Universidade Cândido Mendes (Ucam). Professor convidado do curso de especialização em Comunicação e Saúde da Fio-cruz. (Nota da **IHU On-Line**)

dos companheiros Renan Calheiros²⁷, Kátia Abreu²⁸, Jader Barbalho²⁹ e

- 27 **Renan Calheiros** [José Renan Vasconcelos Calheiros] (1955): advogado e político filiado ao MDB, nascido em Murici (Alagoas). Cumpre seu terceiro mandato no Senado Federal (1995–2003, 2003–2011, 2011–2019) como representante de seu estado natal. Foi presidente do Senado por três períodos: de 2005 até 2007, quando renunciou ao cargo, após denúncias de corrupção; de 2013 a 2015 e de 2015 a 2017. No âmbito político, foi absolvido em 2013, por votação de seus pares no Senado. Em 1º dezembro de 2016, por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) se tornou réu por peculato. Renan chegou a morar de favor na casa de um amigo antes de entrar na política e possuía apenas um Fusca de patrimônio. Hoje é dono de fazendas, imóveis e diversas empresas que movimentam milhões. Em 1989, filiado ao Partido da Reconstrução Nacional (PRN), assumiu a assessoria de Fernando Collor de Melo, candidato à presidência da República. Em março de 1990, tão logo tornou-se líder do governo no Congresso Nacional, divulgou o pacote de medidas baixado por Collor, entre as quais destacava-se o confisco de parcela dos ativos depositados em cadernetas de poupança. Em maio de 1992, acusou PC de comandar um “governo paralelo”. No mês seguinte, afirmou que Collor tinha conhecimento do esquema, e pediu o impeachment do presidente. (Nota da **IHU On-Line**)
- 28 **Kátia Abreu** (1962): empresária, pecuarista e política nascida em Goiânia (GO). Atualmente é filiada ao PDT. Já passou por PPB, PFL, DEM, PSD e PMDB. Foi ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento durante o segundo governo de Dilma Rousseff. É senadora pelo estado do Tocantins. Formada em Psicologia na Universidade Católica de Goiás, tornou-se pecuarista ao assumir, com a morte do marido em 1987, uma fazenda no antigo norte goiano, atualmente Tocantins. Mudou-se para a fazenda mesmo sem muito conhecimento de como conduzi-la. Ao chegar à fazenda, encontrou dentro do cofre da propriedade um roteiro completo sobre o que fazer caso o seu marido não pudesse gerenciar a fazenda. Segundo Kátia, Irajá Silvestre havia deixado uma espécie de inventário, no qual explicava coisas como onde aplicar o dinheiro, quais dívidas deveriam ser pagas primeiro e quais eram os investimentos prioritários para o aumento da produtividade da fazenda. Destacou-se entre os produtores da região e logo tornou-se presidente do Sindicato Rural de Gurupi. Em seguida, foi eleita presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Tocantins, cargo que exerceu por quatro mandatos consecutivos entre 1995 e 2005. Em novembro de 2008, foi eleita presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), para o triênio 2008 a 2011. A entidade representa 27 federações estaduais, 2.142 sindicatos rurais por todo o Brasil e mais de 1 milhão de produtores sindicalizados. Kátia é pré-candidata à governadora do Tocantins nas eleições de 2018. Ela convidou a ex-presidente Dilma Rousseff para disputar uma vaga no Senado Federal do Brasil pelo seu estado, contando com o seu apoio. Sua atuação em defesa dos agropecuaristas tem gerado animosidade entre alguns ecologistas. Foi rotulada pelos ativistas ambientalistas como “Miss Desmatamento”. Também é criticada por manter dois terrenos improdutivos que concentram 25 mil hectares de terra. Defende a política de uso de sementes alteradas em laboratório patenteadas por grandes corporações de biotecnologia como a Monsanto. Em novembro de 2017, o conselho de ética do PMDB decidiu por expulsar a senadora do partido por criticar o partido e o governo de Michel Temer. Filiou-se ao PDT em abril de 2018, para concorrer ao governo do Tocantins. (Nota da **IHU On-Line**)
- 29 **Jader Barbalho** (1944): advogado, empresário e político nascido em Belém (PA). Filiado ao PMDB, atualmente ocupa o mandato de senador. Foi vereador de Belém, deputado estadual e governador do Pará, deputado federal e ministro do Desenvolvimento Agrário e da Previdência Social. Em sua carreira, Jader Barbalho foi alvo de várias denúncias de corrupção e malversação de recursos públicos. É o proprietário do Grupo RBA de Comunicação e do jornal Diário do Pará, e um dos acionistas da TV Tapajós, afiliada à Rede Globo. Com início humilde em Belém, Jader tornou-se um milionário após várias décadas na política. Renunciou ao cargo de senador em 2001, sob denúncia de desvio de verbas públicas da Sudam, do Banpará e do Inkra. Jader foi preso por alguns dias, e a Sudam foi fechada.

Delfim Netto³⁰. Mas faz tempo que o principal projeto político do PT consiste em salvar a própria pele.

IHU On-Line – Escreveste, em um artigo, que não coadunas com a visão messiânica e o culto ao redor de Lula, e muito menos com as orientações sobre quais deveriam ser as respostas da esquerda diante da perseguição e dissolução do Partido dos Trabalhadores. Comenta esta afirmação, por favor.

Acauam Oliveira – Nesse artigo em particular, decidi responder a alguns colegas que me acusavam de não marcar posição em face dos últimos acontecimentos, assumindo uma atitude no mínimo omissa, para não dizer covarde, diante do cenário tenebroso. Resolvi escrever um texto posicionando-me a favor do não posicionamento, terminando com uma citação de Adorno³¹, para reforçar a torre de marfim. Curiosamente, alguns desses amigos foram os primeiros a se posicionar contrariamente à greve dos caminhoneiros, deslegitimando-a com a mesma tese defendida

Jader tornou a ser eleito deputado federal em 2002 e 2006 e senador em 2010, foi considerado inelegível por ter renunciado ao cargo de senador após brigar com Antônio Carlos Magalhães, como ficha-suja, mas conseguiu reverter a decisão no Supremo Tribunal Federal. Apoiou os governos José Sarney, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Lula. (Nota da **IHU On-Line**)

- 30 **Antônio Delfim Netto** (1928): economista, professor universitário e político nascido em São Paulo (SP). Foi membro da equipe de planejamento do governo paulista de Carlos Alberto de Carvalho Pinto em 1959, do Conselho Consultivo de Planejamento (Consplan), órgão de assessoria à política econômica do governo Castelo Branco em 1965, e do Conselho Nacional de Economia no mesmo ano. Foi secretário de Fazenda do governo paulista de Laudo Natel nos anos de 1966 e 1967, nomeado ministro da Fazenda nos anos de 1967 a 1974 e embaixador do Brasil na França entre 1974 e 1978, nomeado ministro da Agricultura em 1979 e do Planejamento de 1979 a 1985. Deputado constituinte por São Paulo de 1987 a 1988 e deputado federal por São Paulo desde 1988. Em junho de 2016, foi intimado pela Polícia Federal, pela delegada da Operação Lava Jato, para prestar esclarecimentos aos investigadores sobre por que recebeu, segundo seu sobrinho, R\$ 240 mil em dinheiro vivo entregues pelo “departamento de propina” da maior empreiteira do país em 22 de outubro de 2014 no escritório do advogado e sobrinho do ex-ministro Luiz Appolonio Neto, na capital paulista. (Nota da **IHU On-Line**)
- 31 **Theodor Adorno** (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia conhecido como Escola de Frankfurt. Sobre Adorno, confira a entrevista concedida pelo filósofo Bruno Pucci à edição 386 da Revista **IHU On-Line**, intitulada *Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias*, disponível em <https://bit.ly/215xMSv>. A conversa foi motivada pela palestra *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, proferida por Pucci dentro da programação do *Ciclo Filosofias da Intersubjetividade*. (Nota da **IHU On-Line**)

pelo governo golpista (a de que seria um locaute). Logo se nota o quanto a ideia de se posicionar não porta nenhum valor positivo em si.

Nesse sentido, decidi tornar mais explícitos alguns pontos de discordância com a leitura que insiste em colocar o PT como vítima e o retorno de Lula como única alternativa viável contra o retrocesso da direita, ao mesmo tempo buscando reconhecer o grau de *verdade* do sentimento de melancolia e impotência que tem tomado conta da esquerda. Ou seja, assumindo ao mesmo tempo os equívocos do poder e reconhecendo aquilo que há de trágico na queda da maior liderança de esquerda da América Latina.

Minha discordância parte do princípio de que as leituras de orientação petista frequentemente apelam para os mais diversos tipos de distorção, e soam como fragilmente sobrepostas à realidade, quando não mal-intencionadas. O impeachment tem que ser chamado de golpe (aderindo ao paralelo com 1964, no mínimo passível de discussão), temos que gritar “Fora Temer” (sem reconhecer que nenhum partido, PT incluso, se interessa de fato por isso), assumir que a Lava Jato só serve para perseguir o PT (sem reconhecer outras dinâmicas e interesses), reconhecer que a perseguição ao Lula envolve apenas ódio de classe, sem outras variáveis de peso. Sobretudo, é necessário gritar aos quatro cantos que Lula é o grande guerreiro do povo brasileiro (e não apenas um dos melhores presidentes do país, mas que cometeu diversos equívocos passíveis de debate).

Também é preciso assumir que não é o momento para problematizações, pois a esquerda precisa unir forças contra o fascismo que pretende destruí-la, e não apenas no Brasil. Se tal projeto de destruição da esquerda e o consequente ataque aos trabalhadores é uma realidade global, não é menos verdadeiro que tais manifestações de resistência frequentemente terminem por revelar muito mais a ausência de condições objetivas para sua realização, pervertendo-se em plataforma política de lançamento de candidatos, showmícios ou cirandas e beijaços abomináveis. Como bem definiu uma amiga (a artista plástica e grafiteira Carolina Teixeira), que ficou puta com as manifestações pró-Lula das quais participou, a esquerda vive um relacionamento abusivo com o PT.

Existe, contudo, algo de verdadeiro nessa posição de luto e pesar dentro da esquerda com o destino trágico do Partido dos Trabalhadores. Verdadeiro não somente em relação à postura daqueles que celebram o fim do PT, elevando Sérgio Moro³² à categoria de herói nacional, como se o fim do maior partido de esquerda da América Latina fosse algo a se comemorar (sem atentar para quem ganhou com isso), mas também em relação a po-

32 **Sérgio Moro** [Sérgio Fernando Moro] (1972): juiz federal nascido em Maringá (PR), ganhou notoriedade por comandar o julgamento dos crimes identificados na Operação Lava Jato.

sicionamentos mais “sensatos” e distanciados, como o dos autonomistas. Um tom de paixão trágica que por seu caráter específico acaba por revelar algo do Real, independente do grau de distorção (ou não) dos fatos. Mesmo para aqueles que reconhecem muito de imaginário nas mudanças promovidas pelo PT, a sensação é de que o recado final de toda essa movimentação que culmina com a prisão de Lula é de que sequer imaginar alternativas é mais possível. Mesmo que o PT não representasse mais essas mudanças – o assassinato da vereadora Marielle Franco³³ caminha de forma bem mais contundente nessa direção –, ainda assim, não deixa de ser também disso que se trata.

Percebe-se isso claramente na comparação forçada entre a situação de Lula com a de outros perseguidos políticos, históricos ou míticos. Compara-se Lula com Gandhi³⁴, Mandela³⁵, Tiradentes³⁶, além, é claro,

Formou-se em direito pela Universidade Estadual de Maringá em 1995, tornando-se juiz federal em 1996. Também cursou o programa para instrução de advogados da Harvard Law School em 1998 e participou de programas de estudos sobre lavagem de dinheiro promovidos pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. É mestre e doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná. Além da Operação Lava Jato, conduziu o caso Banestado. No caso do Escândalo do Mensalão, a ministra do Supremo Tribunal Federal Rosa Weber convocou o juiz Sérgio Moro para auxiliá-la. Em 2014, Moro foi indicado pela Associação dos Juizes Federais do Brasil para concorrer a vaga deixada por Joaquim Barbosa no STF, mas em 2015 foi preenchida por Luiz Fachin. (Nota da IHU On-Line)

- 33 **Marielle Franco** [Marielle Francisco da Silva] (1979-2018): socióloga, feminista, militante dos direitos humanos e política nascida no Rio de Janeiro. Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro na eleição municipal de 2016, com a quinta maior votação. Crítica da intervenção federal no Rio de Janeiro e da Polícia Militar, denunciava constantemente abusos de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes. Em 14 de março de 2018, foi assassinada a tiros. (Nota da **IHU On-Line**)
- 34 **Mahatma Gandhi** (1869-1948): líder pacifista indiano, um dos idealizadores e fundadores do moderno estado indiano e um influente defensor do satyagraha (princípio da não agressão, forma não violenta de protesto) como um meio de revolução. O princípio do satyagraha, frequentemente traduzido como “o caminho da verdade” ou “a busca da verdade”, também inspirou gerações de ativistas democráticos e antirracistas, incluindo Martin Luther King e Nelson Mandela. Frequentemente Gandhi afirmava a simplicidade de seus valores, derivados da crença tradicional hindu: verdade (*satya*) e não violência (*ahimsa*). No dia 30 de janeiro de 1948, Gandhi foi assassinado a tiros, em Nova Délhi. Seu corpo foi cremado, e suas cinzas, jogadas no rio Ganges. (Nota da **IHU On-Line**)
- 35 **Nelson Mandela** (1918-2013): advogado, líder rebelde e ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Considerado como o mais importante líder da África Negra, vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 1993 e pai da moderna nação sul-africana, onde é normalmente referido como Madiba (nome do seu clã) ou Tata (Pai). Nascido numa família de nobreza tribal, numa pequena aldeia do interior onde possivelmente viria a ocupar cargo de chefia, recusou esse destino aos 23 anos ao seguir para a capital, Joanesburgo, e iniciar sua atuação política. Passando do interior rural para uma vida rebelde na faculdade, transformou-se em jovem advogado na capital e líder da resistência não violenta da juventude, acabando como réu em um julgamento por traição. Mandela passou 27 anos na prisão. Depois de uma campanha internacional, foi libertado em 1990, quando recrudescia a guerra civil em seu país. Considerado pela maioria das pessoas um guerreiro em luta pela liberdade, era tido pelo governo sul-africano um terrorista. Em 1990, recebeu o Prêmio Lênin da Paz, recebido em 2002. (Nota da **IHU On-Line**)

do paradigma maior: Jesus Cristo. O dado aparentemente paradoxal é que o tom trágico, frequentemente exagerado (o que, aliás, é uma das marcas dos discursos petistas, com slogans do tipo “nunca antes na história desse país” e afins), que apela para imagens de transcendência quase mítica, não deixa de carregar uma verdade em sua distorção. Diante dessas comparações, o posicionamento crítico logo se exalta e procura evidenciar a inverdade da aproximação, seu caráter manipulatório forçado. Tais denúncias, contudo, perdem de vista a própria verdade inscrita no despropósito. Existe certa arrogância ingênua no movimento dos “esclarecidos” que pretendem desmascarar a má-fé ou o messianismo dessas estratégias retóricas, como se seu objetivo fosse realmente descrever realidades ao invés de performá-las, bastando apontar a incoerência para o mecanismo se dissolver. É claro que Lula não é Jesus Cristo, mas isso não quer dizer muita coisa, afinal, nem Jesus Cristo é Jesus Cristo. Existe uma verdade, para além dos dados concretos, que se inscreve nessa paixão por um projeto que não se confunde com o lulismo, mas aponta para a ideia abstrata e amorfa de uma comunidade mais justa. É a verdade dessa paixão, a radicalidade dessa ideia (no sentido platônico que Alain Badiou³⁶ recupera em *A hipótese comunista*, e que segue viva na contradição inscrita no desejo daquele eleitor que deseja ver, simultaneamente, Lula preso e Lula presidente), que a esquerda precisa reaprender a acessar.

Daí que o antipetismo seja uma força muito mais mobilizadora do que o “Fora Temer”. O PMDB nunca representou nada para além dessa mediocridade que aí está. Era o PT (e, claro, o seu São Sebastião), mais do que qualquer outro partido, que sustentava esse algo a mais a partir de onde se organizaram os afetos políticos. O que era, quando se perdeu, quem ganhou e perdeu com isso são questões que vêm sendo debatidas desde antes da primeira eleição de Lula e que ainda serão discutidas por

36 **Alain Badiou** (1937): filósofo, dramaturgo e romancista francês nascido no Marrocos. Conhecido por sua militância maoísta, por sua defesa do comunismo e dos trabalhadores estrangeiros em situação irregular na França. Realizou estudos de filosofia na École Normale Supérieure de Paris entre 1956 e 1961. Lecionou na Universidade de Paris VIII e na ENS desde 1969 até 1999. Também foi professor do Collège international de philosophie. Foi discípulo de Louis Althusser, influenciado pelos seus primeiros trabalhos epistemológicos, bem como de Jean-Paul Sartre e do psicanalista Jacques Lacan. Adota uma posição única no cenário internacional de discussão filosófica. Ao mesmo tempo em que questiona a metafísica clássica, escapa ao jargão contemporâneo que busca aniquilar a verdade enquanto categoria prática e teórica. É conhecido também por sua crítica violenta às democracias liberais e aos direitos humanos, que, segundo ele, fariam parte do festim ideológico sustentador do capitalismo em suas configurações atuais. Em sua obra principal, *O ser e o evento*, defende que as matemáticas constituem a verdadeira ontologia, ou “ciência do ser enquanto ser”. Em 2006 publicou a sua segunda parte da obra, *Logiques des mondes. L'être et l'événement - 2*, na qual passa a tratar das lógicas do aparecimento do ser em mundos (ou “situações”). (Nota da **IHU On-Line**)

muito tempo – e que não tem a ver só com a conjuntura política nacional. Mas é justamente em torno desse inominável não conquistado e já perdido, mas real o bastante em seus efeitos (que vão para além da sigla do partido), que se mobilizaram os principais afetos políticos mais recentes. Poderia ser um elogio, não fosse o conjunto de opções tomadas e o baixo preço pelas quais foram vendidas.

É claro que tal posição, que se assume contrária ao projeto petista, mas favorável a algo imaterial que nele se inscreve a despeito do próprio partido, ainda que esteja impossibilitado de realizar-se dentro de seus limites estritos, será lido pelos meus colegas como um não posicionamento, no mais, cheio de firulas retóricas. Mas é por isso mesmo que eu decidi seguir no campo das letras e da cultura, ao invés de adotar a seriedade e o rigor da Ciência Política.

IHU On-Line – Como esquerda e direita lidam com a questão do racismo? E ao tratar de um tema como a violência, como as diferentes expressões políticas se comportam?

Acauam Oliveira – A questão das formas de opressão no país é muito profunda e frequentemente extrapola as diferenças entre classes e identidades. Com relação às questões tratadas aqui, podemos dizer que ela embaralha os códigos dicotômicos que organizam boa parte das definições prévias entre direita e esquerda. Existe uma esquerda transfóbica, contrária à ideia de que transexuais assumam uma identidade feminina, pois seu pênis indicaria o privilégio masculino – o que está em pleno acordo com a opinião de setores mais conservadores. Da mesma forma, existe uma direita conservadora e liberal nos costumes que vê com muito mais simpatia a questão da proteção ao direito das prostitutas do que certos setores da esquerda que consideram fundamental a dimensão inegociável do sexismo. No campo da extrema direita, Bolsonaro diz que homossexualidade é imoral e que mulheres são seres menos capazes, enquanto o comunista Aldo Rebelo³⁷ afirma não existir racismo no Brasil e que povos indígenas são menos civilizados.

37 **Aldo Rebelo** (1956): político nascido em Viçosa (AL), atualmente filiado ao Solidariedade, já tendo passado por PCdoB e PSB. Foi vereador na cidade de São Paulo entre 1989 e 1991, pelo PCdoB, deputado federal por São Paulo por seis mandatos, ministro da Secretaria de Coordenação Política e Relações Institucionais, vinculada à presidência da República, de 23 de janeiro de 2004 a 20 de julho de 2005, e presidente da Câmara dos Deputados entre 28 de setembro de 2005 e 31 de janeiro de 2007. Entre 27 de outubro de 2011 e 1º de janeiro de 2015, foi ministro de Estado dos Esportes, deixando o cargo para assumir o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, do qual saiu em 2 de outubro de 2015 para assumir o Ministério da Defesa, no qual ficou até 12 de maio de 2016. (Nota da **IHU On-Line**)

No caso particular do racismo, que é um dos elementos fundamentais de estruturação da sociedade brasileira desde a colônia, estamos diante de um dispositivo que atravessa todos os espectros políticos sem o menor pudor. Se existe algo profundamente enraizado na cultura brasileira, e que nos define enquanto nação, trata-se do racismo. O projeto de genocídio dos jovens negros de periferia, que perpetua relações coloniais, é a matriz constitutiva de nosso projeto de nação, as bases sobre a qual se assentam nossas relações sociais. Ora, não é nenhum segredo que os índices de violência contra o jovem negro não diminuíram ao longo dos governos petistas. Ao contrário, práticas de extermínio e encarceramento em massa não cessaram de crescer. No fundo, trata-se da bem conhecida variante da modernização à brasileira: a base para que o país assuma um projeto nacional mestiço é que em alguma medida se garanta que a identidade negra possa ser perpetuamente definida à bala.

Da mesma forma, os avanços em termo de integração do negro na educação superior e no serviço público conquistados durante a vigência do lulismo só puderam acontecer mediante a radicalização desse projeto de extermínio. A divisão política entre direita e esquerda é insuficiente para dar conta da funcionalidade que tais práticas assumem no país, pois se trata nada mais nada menos do que nosso pacto fundador. O racismo, que aqui assume formas particulares de perversidade, é a grande paixão da sociedade brasileira, seu maior motivo de gozo e instituição chave da democracia, que une todas as classes, credos e espectros políticos. Como afirma a filósofa Sueli Carneiro³⁸, entre esquerda e direita, o negro continua sendo negro.

IHU On-Line – O que sugeres, ao usar a expressão “esquerda Spotify” em seus textos?

Acauam Oliveira – No caso desse texto em particular, me referia à polêmica envolvendo o funk de MC Diguinho³⁹, *Só surubinha de leve*, e alguns setores da esquerda, sobretudo as feministas. Considerada machista e misógina, ainda que esteja longe de ser das letras mais violentas do gênero, a canção passou a ser denunciada por diversos setores da militância virtual, até ser retirada das plataformas virtuais como Deezer,

38 **Sueli Carneiro** (1950): filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro, doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP. Fundadora e diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra e considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

39 **MC Diguinho**: cantor brasileiro de funk. Foi acusado de fazer apologia ao estupro na música *Só surubinha de leve*, lançada em setembro de 2017, que acabou excluída das plataformas digitais em janeiro de 2018. (Nota da **IHU On-Line**)

Spotify e Youtube. Nem sei se já voltou. De todo modo, o que me interessou foi apreender aquilo que os efeitos gerais da polêmica poderiam revelar sobre uma dinâmica particular de certa parte da esquerda, que carinhosamente apelidei de “esquerda Spotify”.

O cerne do conflito consiste no fato de que alguns setores esclarecidos da classe média, usuários dos serviços de *streaming*, recentemente descobriram o quanto o funk é divertido, sensual e libertador a seu modo. Entretanto, o gênero é marcado profundamente por sua agressividade, expondo uma corporeidade particular profundamente “obscena”. Obscena em sentido amplo – no caso brasileiro, o corpo (negro) que é socialmente constituído para não existir: o morto-vivo, fora de cena. A pulsão que o processo civilizatório precisa recalcar. O conflito com a esquerda esclarecida, nesse caso, é inevitável, o que produz uma contradição de grande interesse: em nome do combate ao machismo, o efeito prático que se alcança é o de higienização cujo resultado mais imediato é deixar o Spotify mais limpinho, sem a canção misógina, mas também sem o seu compositor, preto, pobre e periférico. As coisas se complicam ainda mais ao considerarmos que a solução agradou a todos os campos, não só à esquerda esclarecida, antimachista, mas também aos setores mais conservadores que consideram o funk uma indecência, além do próprio Spotify, que ganha propaganda gratuita. O melhor dos mundos, a não ser para os mais pobres, excluídos no processo.

A chave do problema está – mais uma vez – na distância concreta entre os lugares sociais de cada grupo, que o ambiente virtual simula não existir – como se o fato de o Instagram permitir desfrutar em detalhes da intimidade do meu ídolo significasse que eu agora possa verdadeiramente frequentar a casa dele. Nas soluções oferecidas pela esquerda Spotify, percebe-se que o interesse real se desloca mais para defesa do próprio campo (ou bolha, quando se trata de redes sociais), do que para transformação real das condições de opressão, o que implicaria em uma relação real com o Outro (funkeiro) fora dos lugares definidos pelos algoritmos das redes sociais. Tais movimentos, muitas vezes, configuram-se enquanto verdadeiras armadilhas para os mais pobres, travestidas de luta contra a opressão. E a quebrada, que nada tem de ingênua, saca o movimento e se afasta cada vez mais das pautas de esquerda.

Longe de se tratar de um caso isolado, estamos diante de um verdadeiro paradigma de atuação de certos setores da esquerda, bem distantes de bases sociais mais consistentes e que traçam suas estratégias de luta com base nos mecanismos de funcionamento das redes sociais, gerando uma perspectiva bastante frágil de atuação política. Não foi exatamente a mesma lógica que determinou todos os equívocos da atuação

desastrosa da esquerda diante da mais recente greve dos caminhoneiros? A despeito da opinião que se tenha em relação às reivindicações, que de fato podem mais prejudicar que favorecer a classe trabalhadora, o fato é que se tratava de um movimento de grandes proporções e com ampla adesão popular. O apoio aos caminhoneiros foi generalizado no país, e as condições para a tão sonhada greve geral, que a esquerda vem sistematicamente tentando realizar em defesa de Lula, pela primeira vez parecia ter condições reais de realização. Ela, contudo, mostrou-se absolutamente incapaz de agir frente à conjuntura, aproximando-se dos trabalhadores e disputando seus interesses. Pelo contrário, seu movimento foi o mesmo da esquerda Spotify, protegendo-se em sua própria bolha e abrindo caminho mais uma vez para a atuação da direita (para sermos justos, é preciso salientar que, após certo imobilismo inicial, alguns setores da esquerda com histórico real de militância, como o MST⁴⁰, demonstraram solidariedade e apoio aos trabalhadores. Outros, como a CUT⁴¹, limitaram-se a soltar notas tímidas). Qualquer semelhança com junho de 2013, nesse aspecto em particular, não é mera coincidência.

O principal sintoma nesse sentido foi a tese imediatamente mobilizada pela esquerda, de que não se tratava de uma greve legítima, e sim de um *locaute*, ou seja, uma paralisação chamada pelos patrões para pressionar o governo. Ora, de fato existiam interesses empresariais em disputa, mas que de forma alguma esgotam a complexidade do movimento. Como bem disse Túlio Vilaça, “a esquerda queria que eles fossem a classe trabalhadora revolucionária clássica, e quando viu que não era, passou a desdenhar classificando a greve de locaute, e depois acusando-os de pedir golpe militar, deixando de lado se as reivindicações eram justas”. O problema não são os interesses em conflito, que existem, e muito menos a complexidade da questão e dos atores em disputa. Não está em jogo aqui a adesão em massa a qualquer tipo de reivindicação. O problema é que a esquerda escolheu a versão mais pelega antes mesmo de haver possibilidade de confirmação dos fatos, mais uma vez fugindo da complexidade do real para se refugiar em narrativas confortáveis, que a eximiam de antemão de entrar na disputa. A esquerda brasileira hoje, sem base

40 **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra** (MST): movimento político-social brasileiro que busca a reforma agrária. Teve origem na oposição ao modelo de reforma agrária imposto pelo regime militar, principalmente nos anos 1970, que priorizava a colonização de terras devolutas em regiões remotas, com objetivo de exportação de excedentes populacionais e integração estratégica. Contrariamente a este modelo, o MST busca fundamentalmente a redistribuição das terras improdutivas. (Nota da **IHU On-Line**)

41 **Central Única dos Trabalhadores** (CUT): organização sindical brasileira fundada em 1983 durante o Primeiro Congresso Nacional da Classe Trabalhadora. É historicamente relacionada ao Partido dos Trabalhadores. (Nota da **IHU On-Line**)

popular, refugia-se na pureza de suas convicções, enquanto chama a classe trabalhadora de fascista, conservadora e alienada, em parte porque é incapaz de fazer qualquer coisa a respeito. Ora, pode-se dizer que uma esquerda que assume para si a mesmíssima tese defendida por um governo ilegítimo para deslegitimar um movimento de greve chegou bem próximo do fundo do poço.

IHU On-Line – Progressistas e conservadores se unem em que mobilizações?

Acauam Oliveira – No caso do artigo em questão, estava me referindo ao abraço fraterno entre a esquerda mais liberal (*à la* Duvivier) e a direita mais conservadora (*à la* Nando Moura), unidas contra o funk de MC Diguinho. Contudo, minha hipótese mais ampla é que direita e esquerda têm partilhado de estratégias em comum, determinadas por um padrão de atuação que é em grande medida delimitado pela linguagem das redes sociais, e cujos resultados têm sido desastrosos para o campo progressista.

Todos nós nos lembramos das recentes polêmicas envolvendo exposições artísticas em Porto Alegre e em São Paulo, marcando um confronto entre a classe artística e alguns setores mais conservadores da sociedade. No caso de Porto Alegre, tratava-se de uma exposição com temática LGBT patrocinada pelo banco Santander e que foi cancelada por conta da pressão dos setores de direita, sobretudo o MBL e alguns setores da comunidade evangélica, que tiveram amplo apoio popular. No caso da exposição do MAM [Museu de Arte Moderna de São Paulo], a polêmica foi por conta da performance de abertura em que o artista Wagner Schwartz⁴² aparece nu sendo tocado nos pés por uma criança. A performance também foi duramente condenada pelo MBL e pelo ator pornô Alexandre Frota⁴³, que se mostrou bastante indignado com a imoralidade da situação. A principal alegação desses grupos era que aquilo que estava exposto ali “não era arte”,

42 **Wagner Schwartz** (1972): performer e coreógrafo nascido em Volta Redonda (RJ). Aos 20 anos, mudou-se para Uberlândia (MG) para estudar Letras na Universidade Federal de Uberlândia. Inicia os estudos em dança a partir de sua relação com a literatura. Suas participações no programa Rumos Dança Itaú Cultural (2000-2001, 2003-2004, 2009-2010, 2014) resultaram em criações como *Wagner Ribot Pina Miranda Xavier le Schwartz Transobjeto* (2003-2004) e *Piranha* (2009-2010). Em 2005 e 2009, colaborou com o coreógrafo Rachid Ouramdane nos espetáculos *Cover* e *Des témoins ordinaires*, passando a trabalhar em São Paulo, Paris e Berlim. Atualmente, mora em São Paulo e Paris. Autor da performance *La Bête* [O Bicho], sofreu ataques e foi chamado de pedófilo quando apresentou o trabalho no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) em setembro de 2017. (Nota da **IHU On-Line**)

43 **Alexandre Frota** (1963): ator, diretor, ex-modelo, ex-comediante, ex-jogador de futebol americano, ex-apresentador, ex-funkeiro, empresário, ativista político e ex-ator pornográfico nascido no Rio de Janeiro (RJ). (Nota da **IHU On-Line**)

e sim um incentivo a práticas que atentavam contra a moral e os bons costumes, fazendo apologia de atitudes moralmente condenáveis como a pedofilia, a zoofilia, além de blasfêmia contra símbolos cristãos.

Por outro lado, não faz muito tempo que um conjunto de cineastas de esquerda decidiu retirar seus filmes de um festival de cinema em Pernambuco porque um dos filmes que estaria presente na mostra era *O jardim das aflições*, um documentário (péssimo, por sinal) sobre o guru Olavo de Carvalho⁴⁴. É importante dizer que o filme era até então inédito e que o protesto foi feito antes mesmo de o filme ser assistido. Desde então, a cada exibição do filme em ambientes universitários, uma nova polêmica é criada. Na USP, houve o episódio de cancelamento de uma palestra do Delfim Netto, por conta de pressões de grupos de esquerda. Em um exemplo um pouco mais antigo, houve o caso de cancelamento da peça *Todos os musicais de Chico Buarque em 90 minutos*, também por conta de pressão do público que não aceitou o fato de o diretor inserir, na peça, uma fala contrária ao governo Dilma. Por outro lado, o próprio Chico Buarque⁴⁵ foi recentemente acusado de misoginia por conta da música *Tua cantiga*, que apresenta uma personagem que tem uma postura machista ao sugerir que irá largar mulher e filhos. Em 2015, a companhia de teatro Os Fofos cancelou a temporada da sua peça *A mulher do trem* depois de

44 **Olavo de Carvalho** (1947): não tem nenhum título acadêmico formal. Costuma ser apresentado como escritor, conferencista, ensaísta, jornalista, filósofo e ex-astrólogo nascido em Campinas (SP). É um dos principais nomes no discurso do conservadorismo brasileiro. Militou no PCB de 1966 a 1968, mas posteriormente decepcionou-se com a ideologia e tornou-se anticomunista convicto. Trabalhou em revistas e periódicos, passando por veículos como Folha de S. Paulo, Planeta, Bravo!, Primeira Leitura, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, O Globo, Época e Zero Hora. Atualmente escreve para o Diário do Comércio. Seu primeiro livro, *A imagem do homem na astrologia*, foi lançado em 1980. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* é de 2013 e vendeu algo próximo de 320 mil exemplares. Também escreveu *O Jardim das Aflições* (1995) e *O Imbecil Coletivo* (1996). Mora atualmente em Richmond, no estado norte-americano de Virgínia. Segundo ele, um dos motivos para sua mudança do Brasil para os Estados Unidos, em 2005, foi a chegada do PT ao poder. O cineasta pernambucano Josias Teófilo, dirigiu o documentário *O Jardim das Aflições*, que aborda a vida doméstica, biografia e filosofia de Olavo de Carvalho, rodado na residência dele nos EUA. O filme foi realizado com recursos captados através de financiamento coletivo e lançado em 2017. Ao todo foram quase 3 mil doadores e arrecadação de R\$ 320 mil. No festival Cine PE, realizado de 27 de junho a 3 de julho de 2017, *O Jardim das Aflições* foi premiado em três categorias: melhor montagem, júri popular e melhor filme. (Nota da **IHU On-Line**)

45 **Chico Buarque** [Francisco Buarque de Hollanda] (1944): músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Um dos mais famosos nomes da música popular brasileira (MPB), cuja discografia tem aproximadamente 80 títulos. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural do Brasil. Começa a ter destaque a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, *Chico Buarque de Hollanda*, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música *A banda*. Autoexilou-se na Itália em 1969, devido ao aumento da repressão da ditadura instalada em 1964. Venceu três Prêmios Jabuti de literatura: o de melhor romance em 1992, com *Estorvo*, e o de Livro do Ano com *Budapeste*, lançado em 2004, e *Leite Derramado*, em 2010. (Nota da **IHU On-Line**)

pressões do movimento negro, que criticava o fato de que alguns atores estariam fazendo uso do *black face*.

Apesar das diferenças óbvias entre aquilo que se considera justo ou não, o fato é que tanto a postura da direita quanto a da esquerda coincidem em seus principais pressupostos. Nos dois casos, existe uma crença de que aquilo que o artista representa na sua obra em alguma medida se confunde com aquilo que ele efetivamente é. E que toda obra de arte, no limite, é uma simples reprodução das ideologias do seu criador. Nos dois casos, trata-se de negar certa dimensão de autonomia da arte: por isso, frequentemente as obras são julgadas e condenadas sem análise e, em alguns casos mais extremos, sem sequer serem vistas, a partir da deliberação quase sempre imaginária do lugar de fala do Outro (ou o “comunista comedor de criancinha” ou o “Olavete homofóbico eleitor do Bolsonaro”).

A própria esquerda, portanto, adota os critérios artísticos e modelos de atuação que ela própria questiona quando utilizados pela direita. Ou seja, não estamos diante de uma exceção fascista, e sim de uma dinâmica mais geral que organiza a polarização ideológica. Consequentemente, o olhar crítico é substituído pela produção de imagens feitas sob medida para viralizar nas redes sociais, substituindo o verdadeiro conteúdo da política por um tipo de polarização que rende mais *likes*. Como defendi em outro texto⁴⁶, o compromisso deixa de ser com a transformação da realidade para focar na produção da imagem correta. E, sobretudo, na fiscalização da imagem alheia. Trata-se, em grande medida, de uma questão de linguagem, de disputa discursiva, da definição do jeito mais eficiente de contar uma história, de modo a capitalizar o maior número possível de adesões e *likes*. A delimitação de formas adequadas e inadequadas de se veicular um determinado tipo de conteúdo. A luta contra o preconceito se torna, nesse contexto, um conjunto de normas e padrões que determinam como e por quem as coisas podem ser ditas, com a definição de quais personagens são adequados para tratar de quais temas (quando e como um branco deve falar, quando e como um homem deve falar etc.). Ao focar no plano narrativo, a ação política se converte em uma tentativa malsucedida de estabelecer regras retóricas para cada lugar de fala. Os limites desse padrão de militância são os mesmos da lógica do politicamente correto, que oculta sua absoluta ineficiência em transformar as condições reais de vida sob um excesso de patrulhamento moral.

46 *Racismo, antirracismo e militância virtual: sobre o caso de racismo envolvendo Erika Takimoto*. Disponível em <https://bit.ly/2sze2wX>. (Nota do autor)

IHU On-Line – Depois de 1964, estabeleceu-se um debate entre artistas da MPB e tropicalistas em relação ao golpe. A esquerda alude ao impeachment de Dilma Rousseff como sendo um golpe. Neste episódio recente e no mais antigo, como os artistas se posicionaram, de maneira geral?

Acauam Oliveira – De fato, são duas questões complexas que aparecem interligadas em sua pergunta. A primeira é o debate sobre a pertinência ou não da narrativa do golpe, que já foi discutido um pouco mais acima. Para que serve o golpe, quem deseja o golpe e a quem serve o paralelo com o golpe de 1964? No fim das contas, ficamos sem saber quem é que deseja o golpe mais profundamente: se a ala mais bobalhona da direita, que não tem apoio nem dos militares (com exceção de meia dúzia de soldados rasos) nem de um guru ultrafavorável à pauta como Olavo de Carvalho, mas que bota fé nas bravatas juvenis de um Jair Bolsonaro; se aquela parte da esquerda que, sem nunca ter pegado em armas, sente saudades de um passado glorioso em que aparentemente era possível derrubar ditaduras munindo-se apenas de um violão e de algumas musiquinhas; ou aquela parte da população que simplesmente quer ver todo e qualquer político mafioso se lasciar, sem atentar muito para os custos envolvidos na operação. Esse, aliás, é o lado mais certo nessa história.

Da perspectiva que nos interessa, chama a atenção essa espécie de fantasia inconfessa de certa ala da esquerda que “deseja” a intervenção militar. Desejo inconsciente, que obviamente se apresenta de forma invertida, enquanto medo, mas que é ao mesmo tempo a conclusão lógica pressuposta pela narrativa do golpe, fazendo coincidir o fim do PT com o fim da democracia. O circuito estaria assim perfeitamente fechado, com o partido assumindo a posição de vítima junto com o povo brasileiro por ele representado. Mesmo porque, para os petistas, a democracia já deixou de existir desde que Lula foi preso (“eleição sem Lula é fraude”): o golpe militar seria apenas uma confirmação cabal desse processo. De fato, é muito difícil para o militante mais devotado, para quem todas as esperanças dependem de Lula, reconhecer que a ilegalidade de sua prisão pode não causar nenhuma comoção maior, e que a farsa da democracia segue seu curso normal, com ou sem Lula. A lógica aqui é mais ou menos a daquele sujeito que sonha com o fim do mundo para não ter que encarar seu próprio caminhar inevitável rumo à morte.

O segundo ponto fundamental da sua pergunta refere-se ao papel ocupado pela música popular nos acontecimentos políticos recentes. Essa é uma pergunta que se repete com frequência no meio da crítica musical, sendo inclusive tema de pesquisa. Diante disso, um primeiro ponto a se notar é a maneira como a escolha tanto do foco narrativo quanto do

léxico por si só já determinam a lente por meio da qual os sujeitos interpretam sua própria história. Nesse caso, a simples escolha do termo “golpe” direciona as maneiras de narrar: por que, afinal, a música deveria cumprir qualquer tipo de papel na conjuntura política atual? Por que olhamos para a música, em vez de qualquer outra coisa? Simplesmente pela escolha do termo “golpe”, e a correspondência que se procura estabelecer, a partir da escolha lexical, com o golpe militar, quando a música popular teve papel fundamental na organização imaginária da resistência civil. O que imediatamente nos leva ao momento seguinte, de inevitável decepção com o papel absolutamente irrelevante da música diante desse novo “golpe”. Não que os artistas não tenham se posicionado (Gabriel, o pensador⁴⁷ até atualizou uma de suas mais importantes canções). O que aconteceu foi ainda pior: seu posicionamento importa pouco, bem pouco, quase nada.

O risco nesse caso é o de se cometer uma injustiça com a música popular e os artistas ligados a esse campo – o que torna evidente o problema em se utilizar a categoria golpe nesse caso –, como se fosse possível para eles cumprirem o mesmo papel que a MPB clássica dos anos 1970. Essa expectativa é ainda mais problemática caso estejamos esperando que esse protagonismo ocorra a partir do campo da MPB que, por diversas razões, sofre um processo profundo de reformulação e esgotamento de algumas de suas principais bases de sustentação. Existe um processo em curso de precarização estrutural que atinge não só a música popular, mas também outras áreas da cultura, como o futebol, e que não tem imediatamente a ver com a qualidade estética (tem sido produzido música de qualidade aos montes), nem é irreversível. Trata-se antes de uma transformação radical do estado geral do campo da indústria de entretenimento no país, que passa por um de seus mais radicais processos de reestruturação, comparável à mudança do rádio para a TV, ou do disco de 78 rotações para o LP moderno. Esse estado geral de precarização atinge os ídolos de massa, os modelos de distribuição, o circuito dito alternativo e as culturas tradicionais, e prepara terreno para um estágio novo por vir.

47 **Gabriel, o Pensador** (1974): nome artístico de Gabriel Contino. Nascido no Rio de Janeiro (RJ), é um rapper, compositor, escritor e empresário brasileiro. Iniciou sua carreira musical ao lançar uma fita demo com a música *Tô Feliz (Matei o Presidente)*, sendo logo contratado pela Sony Music. Além de cantor, Gabriel é escritor e lançou três livros, o autobiográfico *Diário Noturno* e os infantis *Um Garoto Chamado Rorbetto* e *Meu Pequeno Rubro-Negro*. Gabriel também é ativista social, tendo como projetos o “Pensador Futebol”, que investe em jovens jogadores que querem se profissionalizar, e junto de Luís Figo e Luiz Felipe Scolari participou do projeto de futebol chamado “Dream Football”, que através do envio de vídeos via internet deu a oportunidade de os participantes serem contratados por times profissionais de futebol. Além de projetos de futebol, ainda tem um projeto social conhecido como “Pensando Junto”, que atende a crianças carentes da Rocinha. (Nota da **IHU On-Line**)

O próprio modelo de indústria fonográfica que se consolida a partir dos anos 1960, e que foi a base material que tornou possível a melhor produção fonográfica da época, deixou de existir. As condições de atuação propícias nos anos 1960 não existem mais, e estamos acompanhando em primeira mão um processo geral de precarização do campo musical, no qual é possível reconhecer os mesmos processos de uberização geral do trabalho. Com relação à Nova MPB, esse processo de gestão precarizada do trabalho musical foi brilhantemente descrito por Vanessa Gatti⁴⁸: uma cena independente, que depende profundamente das plataformas digitais como meio de divulgação; mecenato público-privado por meio de mecanismos como a Lei Rouanet e os financiamentos coletivos; processo colaborativo de produção e sustentação da cena, que só sobrevive na base das relações de camaradagem e mesmo de parentesco; e uma noção particularmente forte do artista enquanto empreendedor. Note-se que esse contexto descrito pela pesquisadora nada mais é do que o novo modelo de organização do trabalho pautado pela precariedade. Nesse contexto, é praticamente impossível aos novos representantes da MPB (se é que a sigla ainda faz sentido) ocupar o mesmo papel de centralidade de seus predecessores. Uma “trilha sonora” específica das manifestações políticas recentes não é mais possível como foi no passado, tanto pelo caráter estrutural das manifestações, quanto pela posição contemporânea da música popular mais politizada no interior do campo cultural.

De todo modo, com relação aos processos políticos contemporâneos, o papel da música popular tem sido secundário, cabendo às redes sociais e seus militantes digitais um lugar de destaque bem maior. Por outro lado, os debates em torno das temáticas identitárias adquirem hoje uma profunda penetração na música popular, e dois dos melhores discos da década não podem ser pensados fora da perspectiva radicalmente marginal da mulher negra (*Encarnado*, de Juçara Marçal⁴⁹, e *Mu-*

48 Disponível em <https://bit.ly/2sr3DUJ> (Nota do autor)

49 **Juçara Marçal** (1962): cantora e professora nascida em Duque de Caxias (RJ), conhecida tanto pelo seu trabalho nos grupos Vésper Vocal, A Barca e Metá Metá como pela carreira solo. Começou sua carreira artística em 1990 com a Companhia Coral, que fundia música e teatro sob a regência do maestro Samuel Kerr. Em 1991, ingressou no grupo vocal feminino Vésper, que lançou três discos. Em 1998, participou como cantora na formação da banda A Barca, que lançou quatro discos. Formou-se em Jornalismo e Letras pela Universidade de São Paulo – USP, onde defendeu em 2000 sua dissertação de mestrado sobre o escritor Pedro Nava. Lecionou canto no curso superior de teatro da Universidade Anhembi Morumbi e realizou oficinas para grupos. Também é professora de língua portuguesa. Em 2008, além dos discos gravados com bandas, lançou em parceria com

Iher do fim do mundo, de Elza Soares⁵⁰). Ainda assim, nenhuma canção cumpre hoje o mesmo papel simbólico de *Pra não dizer que não falei das flores*, *Apesar de você* ou *Cálice*, nos anos 1970, ou *Diário de um detento e Fim de semana no parque* nos anos 1990, ambas épocas de formidável penetração política da música popular. Não por acaso, os músicos que tiveram

Kiko Dinucci o disco *Padê*. Em 2011, 2012 e 2016 lançou três álbuns com o trio Metá Metá. No começo de 2014, lançou seu primeiro álbum solo, *Encarnado*, que ganhou destaque na crítica especializada e o prêmio de Música Compartilhada, por júri especializado, no Prêmio Multishow, recebido por Criolo. Em outubro, regravou duas músicas de Isaura Garcia para o especial *Cantoras do Brasil*, do Canal Brasil, da Rede Globo. Em novembro, foi lançada sua participação com Criolo na canção *Fio de Prumo* (Padê Onã), do álbum *Convoque seu Buda*. (Nota da **IHU On-Line**)

- 50 **Elza Soares** (1930): cantora e compositora nascida no Rio de Janeiro. Em 1999, foi eleita pela Rádio BBC de Londres a cantora brasileira do milênio. A escolha teve origem no projeto The Millennium Concerts, da rádio inglesa, criado para comemorar a chegada do ano 2000. Além disso, aparece na lista das cem maiores vozes da música brasileira elaborada pela revista Rolling Stone Brasil. Elza teve uma infância pobre. Aos 11 anos, foi obrigada pelo pai a abandonar os estudos e se casar, sofrendo muito por conta da violência doméstica. Aos 12 anos, deu à luz seu primeiro filho, que acabou morrendo. Aos 15 anos, passou por outro trauma: seu segundo filho morreu de fome. Com o marido doente, acometido por tuberculose, passou a trabalhar como encaixotadora e conferente em uma fábrica de sabão. Com a recuperação do marido um ano depois, ele a proibiu de trabalhar fora novamente, e Elza voltou a ser dona de casa. Aos 21, ficou viúva, e tinha cinco filhos para criar. Desempregada e passando necessidades, começou a trabalhar como faxineira e empregada doméstica. Após bastante tempo e muitas tentativas, surgiu uma oportunidade na televisão, e Elza entrou para o mundo da música. Aos 27, já atuando como cantora, após outros relacionamentos, conheceu o jogador de futebol Garrincha. Em 1969, a casa de Elza e Garrincha foi invadida e metralhada pela ditadura militar, que estava perseguindo artistas. Com medo, o casal se mudou para a Itália, onde viveram por seis anos. Ao voltar definitivamente para o Brasil, Elza descobriu estar grávida de Garrincha. Em 1983, o casamento chegou ao fim após 15 anos. O divórcio ocorreu devido às diversas crises conjugais marcadas pela violência doméstica que Elza sofria por causa do alcoolismo de Garrincha e de seu ciúme exagerado. Após o divórcio, Elza não quis mais casar e passou por diversos namoros com homens famosos e anônimos. Em 11 de janeiro de 1986, outra tragédia: seu filho com Garrincha morreu em um acidente de carro aos nove anos. Elza ficou derrotada, entrou em profunda depressão e tentou o suicídio, então decidiu sair do Brasil. Morou fora alguns anos, período em que fez turnês pela Europa e pelos Estados Unidos. Depois de muitos anos investigando onde estava uma filha que fora sequestrada, ao voltar ao Brasil descobriu o paradeiro dela, o que foi um recomeço em sua vida. Ela já estava formada, tinha boa educação e uma vida estruturada, e a aceitou como mãe ao longo do tempo. Em 2007, a cantora foi convidada para cantar o Hino Nacional Brasileiro à capela na cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos Rio 2007. Em 2016, se apresentou na abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, quando cantou *O Canto de Ossanha*, de Baden Powell e Vinícius de Moraes. Elza teve inúmeras músicas no topo das listas de sucesso no Brasil ao longo de sua carreira, entre elas *Se Acaso Você Chegasse* (1960), *Boato* (1961), *Cadeira Vazia* (1961), *Só Danço Samba* (1963), *Mulata Assanhada* (1965) e *Aquarela Brasileira* (1974). Seu penúltimo álbum, *A mulher do Fim do Mundo* (2015), primeiro álbum em sua carreira só com músicas inéditas, foi aclamado pela crítica como um dos melhores discos dos últimos anos da MPB e que lhe rendeu o prêmio de melhor Álbum na categoria Pop/rock/reggae/hip-hop/funk. Além disso, o disco ainda lhe rende outros frutos, como a indicação de Melhor Álbum de Música Popular Brasileira e, também, o Prêmio de Melhor música em Língua Portuguesa no 17º Latin Grammy Awards. O mais recente, *Deus é mulher*, foi lançado em 2018. (Nota da **IHU On-Line**)

maior destaque nos momentos de maior convulsão política recente (Lobão⁵¹, Roger⁵²) foram os que se engajaram mais profundamente na internet, no geral exibindo um antipetismo bastante conservador. Existe um deslocamento fundamental, ainda em curso, na circulação dos afetos políticos, que retiram a centralidade do campo da música popular, cujos efeitos ainda estão por determinar.

Por outro lado, eu costumo sempre insistir na ideia fundamental de que o potencial político das artes não está em seu engajamento direto. Sua política está na forma. Nesse sentido, a força política da MPB dos anos 1960 é, antes de tudo, uma questão formal, o que tensiona certa narrativa que considera que o potencial crítico da MPB deriva diretamente do posicionamento político à esquerda daquele grupo de artistas. De fato, segundo o que defende o historiador Marcos Napolitano, aquele modelo de canção mais diretamente engajado (cujo maior sucesso popular é *Pra não dizer que não falei das flores*) não foi o que prevaleceu ao longo da história da MPB, que adotou um modelo muito mais ambivalente, próximo das conquistas formais promovidas pela Bossa Nova. O potencial estético da MPB não é, pois, uma consequência direta de sua inclinação à esquerda, mas consiste em sua capacidade de transformar em matéria para a forma os conflitos específicos que atravessam nosso processo de modernização. Podemos dizer que a MPB se emancipa do projeto exclusivo da esquerda para se tornar o modo de imaginação da comunidade nacional a partir do paradigma nacional-desenvolvimentista, que atravessa todos os espectros políticos e sociais.

Essa ressalva é importante para compreender os diversos pontos em conflito no interior da MPB e como para cada um deles a concepção de resistência e engajamento era completamente diferente. O discurso nacionalista engajado de conscientização e denúncia, próprio da MPB

51 **Lobão** (1957): cantor, compositor, escritor, multi-instrumentista, editor de revista e apresentador de televisão brasileiro. Sua carreira musical é marcada por grandes parcerias; compôs sucessos como *Me chama*, muito famosa na voz de vários intérpretes, e *Vida louca vida*, conhecida na voz de Cazuza. Apesar de ter surgido e conseguido sucesso no ambiente marginal e underground do rock brasileiro nos anos 1980, Lobão vem dialogando com diversos gêneros, como o samba, ao longo de sua carreira. Tem emitido opiniões conservadoras e polêmicas, ao mesmo tempo em que elogia Olavo de Carvalho e o Instituto Ludwig von Mises Brasil. Apresentou-se em palcos de manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff. (Nota da **IHU On-Line**)

52 **Roger** (1956): nome artístico de Roger Rocha Moreira, músico nascido em São Paulo (SP), conhecido por ser o principal idealizador, compositor, guitarrista e vocalista da banda de rock Ultraje a Rigor, além de fazer parte do programa de televisão *The Noite*, com Danilo Gentili. (Nota da **IHU On-Line**)

dos anos 1960 (Vandré⁵³ e Elis⁵⁴ à frente), procurava por meios de integração com o “povo” através das temáticas, formas musicais e aumento progressivo da audiência. Nesse contexto, o Tropicalismo surge enquanto elemento de clivagem, rompendo com a unidade aparente desse campo ao incorporar às diversas críticas que a MPB trazia em suas canções um elemento de autoexposição ideológica radical do papel (estético, social, de classe) do artista, bem como dos limites estéticos/políticos de seu modelo de pensamento. Da perspectiva de resistência contra o regime, proposta pelos artistas reunidos em torno da sigla MMPB [Movimento pela Música Popular Brasileira], tal posição fragilizava a militância política precisamente no momento em que o foco deveria ser o fortalecimento da esquerda contra o inimigo comum. Ou seja, os tropicalistas eram os isentões do rolê... Os “isentões” tropicalistas foram então acusados de fugir dos conflitos de seu tempo e, na pior das hipóteses, fazer o jogo do inimigo. Vistas a distância, contudo, as canções do movimento têm muito a dizer sobre sua época, e as questões por elas apresentadas, mais do que alguns modelos mais diretamente engajados, ainda se inserem de modo radical no cenário contemporâneo, estando longe de fugir às demandas de seu tempo.

Nesse sentido, o acerto formal parece confirmar que muitas vezes o real conteúdo político da arte não está nos termos aparentemente mais urgentes. É por seu deslocamento em relação ao “Político” que a canção se torna capaz de identificar o político verdadeiramente existente. Não

-
- 53 **Geraldo Vandré** (1935): nome artístico de Geraldo Pedroso de Araújo Dias, é um cantor, compositor e violonista nascido em João Pessoa (PB), conhecido por ser um dos nomes mais célebres da música popular brasileira. Seu sobrenome é uma abreviatura do sobrenome do seu pai, José Vandregisilo. Em 1968, participou do 3º Festival Internacional da Canção com *Pra não dizer que não falei das flores*, muitas vezes chamada de *Caminhando e cantando*. A composição, que foi censurada, se tornou um hino de resistência do movimento civil e estudantil que fazia oposição à ditadura militar. (Nota da **IHU On-Line**)
- 54 **Elis Regina Carvalho Costa** (1945-1982): cantora nascida em Porto Alegre (RS). Conhecida por sua incrível presença de palco, sua voz e sua personalidade. Foi a primeira grande artista a surgir dos festivais de música na década de 1960 e descolava-se da estética da Bossa Nova pelo uso de sua extensão vocal e de sua dramaticidade. Considerada por muitos críticos a melhor cantora popular do Brasil a partir dos anos 1960 ao início dos anos 1980. Não raro, é apontada como a melhor cantora brasileira de todos os tempos. Foi casada com Ronaldo Bôscoli, com quem teve João Marcello; em 1973, casou-se com o pianista César Camargo Mariano, com quem teve os filhos Pedro e Maria Rita. Aclamada no Brasil e no exterior, Elis Regina faleceu no auge de sua carreira, aos 36 anos de idade. Com os sucessos de *Falso brilhante* e *Transversal do tempo*, inovou os espetáculos musicais no país e era capaz de demonstrar emoções tão contrárias, como a melancolia e a felicidade, numa mesma apresentação ou numa mesma música. Em 2013, foi eleita a segunda melhor voz da música brasileira pela revista Rolling Stone Brasil, superada apenas por Tim Maia. Elis foi citada também na lista dos maiores artistas da música brasileira, ficando na 14ª posição, sendo a mulher mais bem colocada. (Nota da **IHU On-Line**)

que o distanciamento político seja condição do político na arte: muitas vezes o desengajamento alienado nada mais é do que isso mesmo, e o interesse por Anitta⁵⁵, MPB neo-indie e sertanejo universitário não passa por aí. Da mesma forma, no caso dos Racionais ocorre uma correspondência entre a política da forma e dos conteúdos. Por outro lado, existe mais política acontecendo no funk carioca do que em boa parte das canções mais diretamente engajadas da Nova MPB.

Ainda assim, é preciso reconhecer que o projeto Tropicalista em certo sentido chegou ao poder, com Gilberto Gil⁵⁶ tornando-se ministro da

55 **Anitta** (1993): nome artístico de Larissa de Macedo Machado, cantora, compositora, atriz, apresentadora e empresária nascida no Rio de Janeiro (RJ). Começou a cantar aos oito anos em um coral de uma igreja católica. Em 2010, após postar um vídeo no YouTube, Renato Azevedo, o então produtor da gravadora independente Furacão 2000, a chamou para assinar contrato com o selo. Devido ao sucesso da canção *Meiga e abusada* em 2012, assinou contrato com a gravadora Warner Music Brasil no ano seguinte. Com a música *Show das poderosas*, conseguiu a segunda colocação na parada de singles brasileira Hot 100 Airplay, da Billboard Brasil. Seu primeiro álbum de estúdio, *Anitta*, foi lançado em julho do mesmo ano. *Ritmo Perfeito*, seu segundo álbum de estúdio, foi lançado em 4 de junho de 2014. No mesmo dia, foi lançado o primeiro álbum ao vivo, *Meu Lugar*, que estreou em primeiro lugar no iTunes Brasil, permanecendo no topo por uma semana. Em 2015, lançou seu terceiro álbum, *Bang*, que foi certificado com disco de platina e gerou quatro singles. Em 2013, foi a cantora que se manteve por mais tempo no topo do iTunes Brasil, sendo eleita a Artista do Ano pela empresa. Também foi eleita pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como a Revelação do Ano na música. Em 2015, ganhou o prêmio MTV EMA Worldwide Act Latin America, sendo a primeira artista brasileira a vencer a premiação. (Nota da **IHU On-Line**)

56 **Gilberto Gil** (1942): cantor, compositor, multi-instrumentista, escritor, ambientalista e empresário nascido em Salvador (BA), um dos criadores do Movimento Tropicalista nos anos 1960. Conhecido por sua inovação musical e por ser ganhador de prêmios Grammy. Recebeu do governo francês a Ordem Nacional do Mérito (1997) e da Unesco o título de "artista pela paz" (1999). Gil foi embaixador da ONU para agricultura e alimentação e ex-ministro da Cultura (2003-2008). Em mais de 50 álbuns lançados, ele incorpora a gama eclética de suas influências, incluindo rock, gêneros tipicamente brasileiros, música africana e reggae. Sua carreira musical começou em 1964, quando cursava Administração na Universidade Federal da Bahia, e participou do show *Nós, Por Exemplo*, ao lado de Caetano Veloso, Tom Zé, Gal Costa e Maria Bethânia, na inauguração do teatro Vila Velha, em Salvador. Em 1965, mudou-se para São Paulo. No ano seguinte, sua música *Ensaio geral*, interpretada por Elis Regina, ficou em 5º lugar no 2º Festival de Música Popular Brasileira (FMPB), realizado pela antiga TV Record. Em 1967, a música *Domingo no parque*, que cantou junto com os Mutantes, ficou em 2º lugar no 3º FMPB. Nesse mesmo ano lançou seu primeiro disco, *Louvação*. O 3º FMPB foi o ponto de partida para o Tropicalismo, que Gil participou junto com Caetano Veloso, Torquato Neto, Tom Zé e Rogério Duprat, entre outros. Em 1968, lançou *Gilberto Gil*, com 14 músicas, entre elas, *Procissão* e *Domingo no parque*. Lançou também um disco manifesto, intitulado *Tropicália*, do qual participaram também Caetano, Gal Costa, Os Mutantes, Tom Zé e Torquato Neto. O Movimento Tropicalista foi considerado subversivo pela ditadura militar, e Gil foi preso, junto com Caetano Veloso. Em 1969, ambos se exilaram na Inglaterra. Nesse mesmo ano, foi lançado *Gilberto Gil* (1969), onde se destacou a música *Aquele abraço*. No início de 1972, Gilberto Gil voltou ao Brasil, em seguida lançou *Expresso 2222*. Em 1976, junto com Caetano, Gal e Bethânia, formaram o conjunto Doces Bárbaros, que rendeu um álbum e várias turnês pelo país.

Cultura e Caetano⁵⁷, uma espécie de arauto da música popular. A propósito, com o lulismo. A radicalidade crítica do movimento incorporou-se ao *mainstream* com velocidade surpreendente (ou nem tanto), e logo após o retorno do exílio de seus principais nomes, já era todo mundo (pós)tropicalista. Quem não seguiu a onda, sucumbiu. *Guitar wins*. O acerto da forma com seu tempo não deixa de ser problemático a seu modo, se o filtro em questão é político. Quando as demandas contraculturais de expansão do ser se convertem em paradigma empresarial *yuppie*, e a auto-crítica caminha muitíssimo bem com o status quo no capital, é sinal de que algo se perdeu, ou revelou-se de vez. Talvez as duas coisas.

Em 1978, se apresentou no Festival de Montreux, na Suíça. Nesse mesmo ano ganhou o Grammy de Melhor Álbum de Word Music com *Quanta Gente Veio Ver*. Em 1980, lançou uma versão em português do reggae *No Woman, No Cry (Não Chores Mais)*, sucesso de Bob Marley. Entre 1989 e 1992, foi vereador na Câmara Municipal de Salvador, pelo Partido Verde. Em 2003, foi nomeado ministro da Cultura, se desligando em janeiro de 2008, para se dedicar à carreira musical. Depois de três casamentos, o músico está casado com Flora Gil, que conheceu em 1979. (Nota da **IHU On-Line**)

- 57 **Caetano Veloso** (1942): músico, produtor, arranjador e escritor nascido em Santo Amaro (BA). Com uma carreira que ultrapassa cinco décadas, Caetano construiu uma obra musical marcada pela releitura e renovação, considerada como de grande valor intelectual e poético. Começou sua carreira profissional em 1965, com o compacto *Cavaleiro/Samba em Paz*, enquanto acompanhava a irmã mais nova Maria Bethânia por suas apresentações nacionais do espetáculo Opinião, no Rio de Janeiro. Nessa década, conheceu Gilberto Gil, Gal Costa e Tom Zé, participou dos festivais de música popular da Rede Record e compôs trilhas de filmes. Em 1967, saiu seu primeiro LP, *Domingo*, com Gal Costa, e, no ano seguinte, liderou o movimento chamado Tropicalismo, que renovou o cenário musical brasileiro e os modos de se apresentar e criar música no Brasil, através do disco *Tropicalia ou Panis et Circencis*, ao lado de vários músicos. Em 1968, por conta do recrudescimento da ditadura militar no Brasil, compôs *É proibido proibir*, música que foi desclassificada e vaiada durante o 3º Festival Internacional da Canção. Em 1969, foi preso pelo regime militar e partiu para exílio político em Londres, onde lançou o disco *Caetano Veloso* (1971), com temática melancólica e canções compostas em inglês e endereçadas aos que ficaram no Brasil. *Transa* (1972) representou seu retorno ao país e seu experimento com compassos de reggae. Em 1976, uniu-se a Gal Costa, Gilberto Gil e Maria Bethânia para formar os Doces Bárbaros, grupo influenciado pela temática hippie dos anos 1970, lançando um disco, *Doces Bárbaros*, e saindo em turnê. Na década de 1980, apadrinou e se inspirou nos grupos de rock nacionais, aventurou-se na produção dos discos *Outras Palavras*, *Cores*, *Nomes*, *Uns e Velô*, e, em 1986, participou de um programa de televisão com Chico Buarque. Na década de 1990, escreveu o livro *Verdade Tropical* (1997) e lançou o disco *Livro* (1998). Ganhou o Prêmio Grammy em 2000, na categoria World Music. Com o disco *A Foreign Sound*, cantou clássicos norte-americanos. Em 2006, lançou o álbum *Cê*, fruto de sua experimentação com o rock e o underground. Unindo estes gêneros ao samba, *Zii e Zie*, de 2009, manteve a parceria com a Banda Cê, que se encerrou no disco *Abraçoço*, de 2012. É considerado um dos artistas brasileiros mais influentes desde a década de 1960. Em 2004, foi considerado um dos mais respeitados e produtivos músicos latino-americanos do mundo, tendo mais de 50 discos lançados. Foi eleito pela revista Rolling Stone o 4º maior artista da música brasileira de todos os tempos pelo conjunto da obra e pela mesma revista o 8º maior cantor brasileiro de todos os tempos. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Por que apontar machismo, racismo e homofobia em Jair Bolsonaro funciona muito mais como propaganda do que como denúncia?

Acauam Oliveira – Justamente porque, para o jovem eleitor de Bolsonaro, esses são valores positivos. A esquerda sofre de um tipo particular de miopia que a leva com certa frequência a confundir a imagem que ela tem do mundo com o mundo em si. Por que, afinal de contas, um homofóbico ia se incomodar com a homofobia de seu candidato? É essa distorção que a leva a acreditar, por exemplo, que Bolsonaro irá perder eleitores quando tiver que debater economia com Ciro Gomes, deixando claro para todo o Brasil que ele não sabe absolutamente nada do assunto. Ora, nada mais equivocado que esse otimismo da “razão esclarecida”, ainda mais em se tratando de afetos políticos. O eleitor do Bolsonaro já sabe que ele não entende de economia (o próprio candidato não esconde isso de ninguém) e vota nele precisamente por sua incapacidade de debater economia. Se Ciro Gomes expor muitos pontos econômicos complexos no debate, que a maioria de nós, cidadãos comuns, não iremos entender, e Bolsonaro responder com um arrote, existem grandes chances desse gesto ser lido positivamente entre seus fãs (#mitou).

Isso não significa, contudo, que todos os seus eleitores compartilham exatamente dos mesmos valores. Muitos votam nele simplesmente porque ser politicamente incorreto tornou-se o anti-establishment – avesso complementar de uma militância de esquerda que deliberadamente reduziu seu papel ao de censora moral que define as regras de acesso a determinados clubes. O problema é que, nas redes sociais, esses clubes se tornam cada vez mais particulares e restritos (as cartilhas têm inúmeras regras que se alteram o tempo todo), ao mesmo tempo em que se cobra validade cada vez mais geral de suas orientações cujos códigos nunca são completamente conhecidos. É claro que essa cobrança deve existir, mas a adesão não se dá por mágica, e sim com trabalho duro, feito no dia a dia, em conversas e negociações que não têm medo de enfrentar as contradições do real. As redes sociais sobrepõem à realidade uma dinâmica de *likes* que elimina as divergências (adesão por *likes*) enquanto gera uma dinâmica própria de negação da alteridade (discursos de ódio), em uma movimentação frenética que é, na verdade, puro imobilismo. Eis uma visão difícil para a esquerda reconhecer como válida, sobretudo por conta dos altíssimos níveis de violência contra os grupos mais vulneráveis: o discurso de Bolsonaro contra os gays faz sucesso não apenas porque as pessoas aderem a ele, mas também por seu sucesso

em provocar os esquerdistas que se julgam os únicos senhores da razão (afinal, ser contra eles é estar contra os pobres). É preciso ter coragem para admitir a arrogância da esquerda nesse ponto – arrogância que se fundava na sensação (falsa) de que ela estava ganhando e de que seria possível ampliar essa vitória indefinidamente.

Já faz um tempo que antibolsonaristas de esquerda e direita insistem no mesmo erro. Cada espirro do “mito” é compartilhado incontáveis vezes, reafirmando a cada vez sua mitificação. O efeito é sempre o mesmo: para aqueles que já o consideram uma abominação política, ética e cognitiva, para citarmos a companheira Chaui⁵⁸, uma declaração machista ou homofóbica de Bolsonaro só faz reforçar sua já conhecida perversidade canalha. Para os que o idolatram, por outro lado, a mesma declaração é uma demonstração da coragem do deputado em falar o que lhe der na telha sem abaixar a cabeça para ninguém, o que é confirmado precisamente pela “histeria” esquerdista responsável por viralizar a notícia. O movimento, repetido à exaustão, sempre fracassa, na medida em que reafirma a fé dos já convertidos e afasta novos fiéis.

A polêmica em torno das *fake news* já devia ter deixado evidente que notícias compartilhadas em redes sociais têm menos a ver com a veracidade das informações do que com convicções pessoais prévias. Eu compartilho uma notícia falsa sobre Lula ou sobre Aécio⁵⁹ não por acreditar nela enquanto fato real ou porque me importo com sua veracidade. Ela interessa na medida em que projeta uma imagem minha para o mundo. Eu desejo que as pessoas me vejam como alguém que compartilha da indignação contra Lula ou contra Bolsonaro, e que se posiciona a esse respeito (por isso, inclusive, é que a figura do “isentão” causa tanto incômodo nas redes). O cidadão com inclinações à esquerda e de costumes liberais, adepto do famoso baseado digestivo, que compartilha sem pudor

58 **Marilena Chaui** (1941): filósofa e professora de filosofia política e história da filosofia moderna da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. É especialista na obra de Baruch Espinoza. Reconhecida não só pela sua produção acadêmica, mas pela participação efetiva no contexto do pensamento e da política brasileira. Já foi secretária municipal da Cultura de São Paulo durante o mandato da ex-prefeita Luiza Erundina (1988-1992). (Nota da **IHU On-Line**)

59 **Aécio Neves da Cunha** (1960): economista e político nascido em Belo Horizonte (MG), filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB. Foi governador de Minas Gerais entre 1º de janeiro de 2003 a 31 de março de 2010, sendo senador da República pelo mesmo estado desde então. É neto de Tancredo Neves, com quem adquiriu suas primeiras experiências políticas. Em 1987, iniciou o seu primeiro mandato como deputado federal, exercendo o cargo até 2002, totalizando quatro mandatos. Presidiu a Câmara dos Deputados no biênio de 2001-2002, renunciando ao cargo em dezembro de 2002, para assumir o governo de Minas Gerais. Reelegeu-se governador em 2006. Renunciou ao cargo em março de 2010 para concorrer ao Senado. Em 2013 foi escolhido presidente nacional do PSDB,

res imagens do Aécio Neves fazendo uso de cocaína, não o faz por ter algum posicionamento ético contrário às drogas, mas sim porque essa é uma excelente maneira de queimar o filme do tucano, ao mesmo tempo em que se demarca um distanciamento ético que cai bem entre amigos e eventuais paqueras. O que está em jogo, portanto, é menos o compromisso com a verdade do que o gerenciamento da própria imagem.

A lógica das redes funciona sempre a partir do Eu, mesmo ali onde aparentemente se abre espaço para a divergência. Mesmo as trocas reais de informação e diálogo que eventualmente ocorrem nesse espaço estão subordinadas a esse mecanismo narcisista de centralização no eu, matriz do algoritmo. Nunca é demais lembrar que o algoritmo foi a grande sacada que tornou possível o bloqueio das possibilidades democráticas da internet (e a conseqüente concentração de recursos), transformando o que era da ordem da horizontalidade em um perverso mecanismo de centralização cujo horizonte final é a total adequação a um modelo reduzido de possibilidades mapeadas e vendidas para empresas que oferecem produtos feitos sob medida. De fato, a única alteridade possível nesse esquema são as leis de mercado. Pode parecer um cenário muito *Black Mirror*⁶⁰, como se ouve por aí e, de fato, é: já existem empresas que fabricam música sob medida

reelegendo-se em 2015. Em 2014, foi candidato à presidência da República pelo PSDB, perdendo para Dilma Rousseff, do PT. Em abril de 2017, o relator da Operação Lava Jato no Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, autorizou a investigação das denúncias contra o senador pela Procuradoria Geral da República. No dia 17 de maio de 2017, após uma publicação on-line do jornal O Globo, foi deflagrada a delação premiada de Joesley Batista e Wesley Batista, empresários da JBS, na qual há uma gravação de 30 minutos de Aécio Neves pedindo a Joesley R\$ 2 milhões, quantia que seria usada para pagar sua defesa na Lava Jato. Toda a operação de recebimento do dinheiro foi filmada e rastreada pela Polícia Federal, sendo que o dinheiro foi depositado em uma empresa do também senador Zeze Perrella. Em 18 de maio, Fachin afastou Aécio do cargo de senador, a pedido da Procuradoria-Geral da República (PGR). A PGR também pediu a prisão, mas Fachin negou. Retornou ao cargo no final de junho, sendo novamente afastado por decisão da Primeira Turma do STF em 26 de setembro. No mês seguinte, o Senado autorizou sua volta ao exercício do mandato. (Nota da **IHU On-Line**)

- 60 **Black Mirror**: série de televisão britânica antológica de ficção científica criada por Charlie Brooker e centrada em temas obscuros e satíricos que examinam a sociedade moderna, particularmente a respeito das conseqüências imprevistas das novas tecnologias. Os episódios são trabalhos autônomos, que geralmente se passam em um presente alternativo ou em um futuro próximo. A série foi transmitida pela primeira vez na emissora Channel 4, no Reino Unido, em dezembro de 2011. Em setembro de 2015, a Netflix comprou a série, encomendando uma terceira temporada de 12 episódios, no entanto, os episódios encomendados foram divididos em duas temporadas de seis episódios; a quarta temporada foi lançada na Netflix em 29 de dezembro de 2017. Em 5 de março de 2018, a Netflix confirmou a quinta temporada da série, ainda sem data de estreia. A série recebeu aclamação da crítica e interesse internacional (principalmente nos Estados Unidos), depois de ter sido adicionada à Netflix. (Nota da **IHU On-Line**)

para cada cliente, por meio de algoritmos. O melhor dos mundos possíveis: uma música única, exclusiva, imagem perfeita de seus gostos e desejos, captadas por uma inteligência artificial que dispensa o trabalho do artista, barateando os custos da produção. Arte total em um mundo sem surpresa, ao mesmo tempo tedioso e violento. Um verdadeiro paraíso adorniano.

Dáí a aparente ingenuidade (e digo aparente porque ela cumpre uma função importante em relação aos desejos) de quem compartilha indignado a última e previsível declaração homofóbica de Bolsonaro. Não apenas porque a denúncia muito provavelmente não surtirá efeito algum para além da própria bolha: afinal, o que leva uma pessoa a acreditar que uma declaração homofóbica do “mito” vai ser lida negativamente por um eleitor que naturaliza suas declarações, em um dos países que mais mata homossexuais no mundo? Pela lógica, não seria exatamente o contrário, com a vantagem de que alguém agora assume para si o papel de fazer o trabalho sujo? Não se trata absolutamente de propor silêncio diante das atrocidades proferidas por Bolsonaro, mas de reconhecer que a dinâmica das redes torna essas denúncias ineficazes. Isso porque, se o Facebook fosse um cidadão com direito a voto, seu candidato certamente seria Jair Bolsonaro, candidato que de certa maneira sintetiza o poder destrutivo e deprimente que alimenta o narcisismo autoindulgente que sustenta a engrenagem das redes sociais.

Polêmicas anódinas

São muitos os exemplos que confirmam que a esquerda se torna refém do logaritmo à medida que imagina estar utilizando-o a seu favor. Vou recordar um exemplo que recentemente mobilizou as redes, produzindo um debate bastante infértil que durou a infinidade de dois dias inteiros. O pivô das discussões foi uma imagem captada pelo fotógrafo Lucas Landau que apresentava um menino negro na praia de Copacabana, olhando para o céu. O que chamava a atenção na imagem é que o menino estava sozinho dentro da água, completamente separado das pessoas que comemoravam a virada do ano na areia. Detalhe fundamental: pessoas brancas. A foto viralizou como uma espécie de “retrato do verdadeiro Brasil” e logo depois instalou-se nosso UFC cotidiano. Alguns grupos acusaram o fotógrafo de explorar a imagem de um garoto negro na praia para obter *likes* e vantagens pessoais, acusações essas que, por sua vez, geravam *likes* para os autores da denúncia, sem se reverter em absolutamente

nenhum tipo de vantagem para o menino. E as discussões seguiram acaloradas, por cerca de 48 horas: se a imagem era racista; se o fotógrafo era um canalha oportunista, um novo Sebastião Salgado, ou uma mistura das duas coisas; se a culpa da situação retratada era do Temer ou do PT; se a imagem é uma obra de arte com múltiplos significados ou mero registro documental de uma situação representativa do Brasil.

Questões interessantes, sem dúvida. O ponto fundamental, contudo, é que o vetor principal das discussões não foi o interesse suscitado pelo tema, e sim uma necessidade do próprio Facebook, que não tira férias e sobrevive da polêmica inscrita nos conteúdos que nós produzimos para ele, de graça. É a polêmica que faz seu mecanismo girar e capitalizar, tanto faz se verdadeira, falsa ou relevante: a rigor, vídeos de gatinho ou comentários geopolíticos são medidos pelo mesmo vetor. Por isso as *fake news*, muito mais atrativas que as verdadeiras, encontram no Facebook um campo privilegiado de circulação. De fato, a polêmica ideal para as redes parece ser aquela que, ao mesmo tempo em que mobiliza um alto índice de adesão apaixonada, é também intrinsecamente irrelevante, de modo a ser substituída rapidamente por outra sem que ninguém se importe muito, ainda que pareça ser caso de vida ou morte ao longo dos dois dias em que “zera” a net. A meu ver, a polêmica do turbante é o exemplo mais bem-acabado de uma pauta absolutamente desimportante que presta um imenso des-serviço para a esquerda.

Seguimos dividindo o mundo entre coxinhas, petralhas e isentões, odiando-nos mutuamente não porque tais divisões de fato correspondam a antagonismos reais no campo político, mas porque os algoritmos do Facebook operam a partir da formação de bolhas e grupos que só se comunicam entre si, buscando adesão entre os próprios pares a partir da demonização caricata do campo teoricamente oposto. Por outro lado, cada vez mais sustenta-se uma postura de autopiedade que atribui toda a responsabilidade ao outro (o socialista de iPhone, as feministas abortistas, o esquerdo macho, o branco desconstruído), enquanto se adota um olhar completamente autoindulgente para com os próprios limites, que termina por confundir militância com autoajuda, por vezes de forma absolutamente infantil – e não é por acaso que muitos dos debates nas redes sociais acabam por reproduzir dinâmicas do ensino fundamental. Não é só porque muitos dos polemistas têm, de fato, 12 anos (como o Nando Moura): a própria dinâmica do sistema privilegia e promove a infantilização geral dos posicionamentos. Ou seja, não é só o Donald Trump que

reduz conflitos absolutamente sérios a piadas envolvendo o tamanho de sua piroca. O modelo privilegiado de debate público no Facebook é o meme.

Não seria exagero dizer que o império Zuckerberg está definindo muitos dos modos contemporâneos de se pensar/fazer política. Não por acaso, as redes sociais foram fundamentais tanto para as manifestações de 2013 (Facebook) quanto para a recente greve dos caminhoneiros (WhatsApp), sem falar em outras manifestações ao redor do Globo. Estamos diante de uma linguagem que gera novos modos de vida e horizontes de expectativa, pautada sobretudo pela inutilidade dos acontecimentos e por seu caráter polêmico, tal como um meme. Os riscos que a esquerda corre ao participar dessa dinâmica são enormes e dificilmente valem a pena.

Existe ainda outro aspecto que torna a linguagem das redes sociais particularmente problemática para a esquerda. Por se tratar de um espaço cujo foco é a produção de imagens, sempre haverá um resto, um descompasso entre o resultado final e a realidade (mais ou menos como quando encontramos pessoalmente aquela pessoa que até então conhecíamos apenas pelo Tinder). E se tem uma coisa que o antipetismo aprendeu a fazer bem ao longo desses anos foi explorar até o limite as contradições do discurso esquerdista. O que não é particularmente difícil, diga-se de passagem: nada mais fácil que encontrar homens machistas de esquerda denunciando o sexismo dos conservadores (“mas nem todo homem!!!”), ou mulheres racistas de esquerda se indignando porque Bolsonaro ofendeu os quilombolas (“mas por que você não fala dos caras!!!”). Grupos como o MBL e youtubers como Nando Moura literalmente sobrevivem da exploração programática dessas contradições. É evidente que a direita também apresenta infinitas contradições em seu discurso: o MBL é simultaneamente liberal e defensor da família brasileira, contra a corrupção e conivente com Michel Temer, apartidário e possui diversos candidatos etc. Mas a direita é muito menos sensível a essas contradições do que a esquerda, na medida em que a imagem escolhida por ela enquanto estratégia de atuação é a *trolagem* e a *zuera*, enquanto a esquerda assume o papel de patrulhadora da moral e dos bons costumes, portadora da cartilha politicamente correta dos modos mais adequados de dizer. Qualquer arranhão em sua imagem pode comprometer integralmente a bela e imaculada alma esquerdista, portadora do bem.

O resultado final desse tipo de posicionamento é um tipo de militância fã de binarismos e adepta de polarizações rasteiras, sobrepondo-as à complexidade do real, de modo a transformá-lo em um punhado de

memes. Uma posição absolutamente frágil e fácil de ser desmontada. Acredito que a saída para a esquerda, que alcança seus melhores resultados justamente quando faz da contradição seu horizonte teórico e prático (dialética é o pensamento que violenta a si próprio, já dizia o velho Adorno), passa em grande medida por retomar o rigor do pensamento e da reflexão que faz parte de sua melhor tradição. Pode parecer uma perspectiva um tanto quanto impotente, e algo elitista (torre de marfim), mas rigor de pensamento e apego à contradição, longe de serem marcas de alheamento, são formas de construção de um compromisso verdadeiro com a complexidade do real, deixando-se atravessar por ele ao invés de reproduzir infinitamente as mesmas categorias conceituais. Nada de diferente, portanto, da mesma tarefa a que já se propunha o materialismo dialético.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

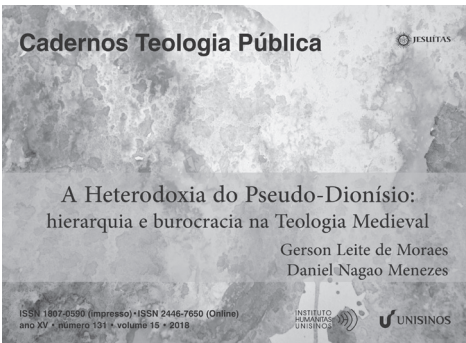
Acauam Oliveira – Seria pedir muito para que as pessoas parassem de gritar “Fora Temer”? Trata-se de uma performance puramente protocolar, tão distante da política quanto ser contrário à corrupção. Parece um grito de potência, que “une” todas as tribos, mas sua força é a das fórmulas prontas, que deixaram de explicar seu tempo e agradam naquilo que os protocolos possuem de tranquilizadores. No fundo, o grito de “Fora Temer” celebra apenas a possibilidade de se gritar “Fora Temer”. Atualmente, até o próprio Temer se tranquiliza com o “Fora Temer”: sua rejeição é parte integrante de seu modelo de gestão. Até o silêncio seria mais aterrador, mas a impotência dos gritos integra-se perfeitamente às regras do jogo. No fundo, a diferença entre o “Fora Temer” para o “será que chove” é que, no segundo caso, no interior mesmo do clichê que preenche a falta de assunto, pode ser que o sujeito ainda acredite que o tempo pode, de fato, mudar.

Publicações do Instituto Humanitas Unisinos



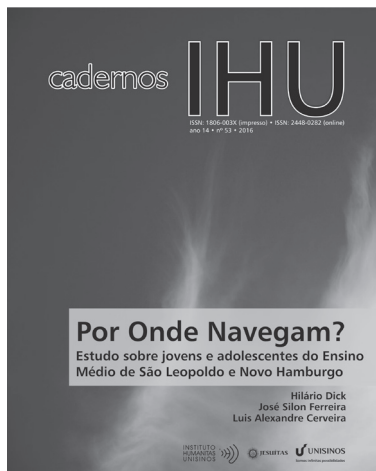
Nº 48 – Mineração e o impulso à desigualdade: impactos ambientais e sociais

Cadernos IHU em formação é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que reúne entrevistas e artigos sobre o mesmo tema, já divulgados na revista *IHU On-Line* e nos Cadernos IHU ideias. Desse modo, queremos facilitar a discussão na academia e fora dela, sobre temas considerados de fronteira, relacionados com a ética, o trabalho, a teologia pública, a filosofia, a política, a economia, a literatura, os movimentos sociais etc., que caracterizam o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Nº 131 – A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A Teologia Pública busca articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, as culturas e as religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Procura-se, assim, a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade hoje, especialmente a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.



Nº 53 – *Por Onde Navegam? Estudo sobre jovens e adolescentes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo* – Hilário Dick, José Silon Ferreira & Luis Alexandre Cerveira

Os Cadernos IHU divulgam pesquisas produzidas por professores/pesquisadores e por alunos dos cursos de Pós-Graduação, bem como trabalhos de conclusão de acadêmicos dos cursos de Graduação. Os artigos publicados abordam os temas ética, trabalho e teologia pública, que correspondem aos eixos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Nº 269 – *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho

Os Cadernos IHU ideias apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montaño
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Kirschke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde* – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À mea luz: a emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Muszkopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Airlton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa"* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *"Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiarajú* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éldia Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
- N. 53 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 54 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 55 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 56 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 57 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 58 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 59 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 60 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 61 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 62 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 63 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 64 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Addressa da Silva
- N. 65 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 66 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 67 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck

- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Amo Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barreto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Atílio Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Marilene Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana María Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres grevistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, temo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 *SBT, jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávoro
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrou Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Maniê Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Domelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho

- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual?* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flinkinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduard Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dircceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevilan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Iturrut Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Barlolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Fiorini de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fountoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governoamento* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesto
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kokozi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zaremski Braga
- N. 271 *O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz



Acauam Oliveira. Graduado em Letras, mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo - USP. É professor da Universidade de Pernambuco - UPE, atuando na graduação em Letras e no mestrado profissional em Letras. Editor do site de crítica política e cultural CHIC Pop.

Algumas obras do autor

OLIVEIRA, A. S. Quanto vale o show? Racionais MCs e os dilemas do rap brasileiro contemporâneo. *Música Popular em Revista*, v. 1, p. 113, 2018.

_____. O fofu naufrágio humano da MPB neo-indie. In: Marcos Lacerda. (Org.). *Ensaio brasileiros contemporâneos: música*. 1. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.

_____. A estrutura mestiça do racismo brasileiro. *Diálogos: Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade*, v. 3, p. 5-24, 2017

_____. Roberto Carlos e a identidade brasileira na canção. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 54, p. 151, 2012



UNISINOS